

TENENTE PINA DE MORAIS



EDIÇÃO DA
«RENASCENÇA PORTUGUESA»
PÓRTO



Direitos reservados

AO PARAPEITO

DO AUTOR

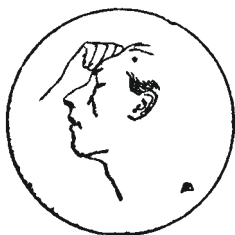
Ânfora Partida (Esgotado) — 1917.

Ao Parapeito — 1.^a e 2.^a edições — 1919.

TENENTE
PINA DE MORAIS

AO PARAPEITO

(2.^a EDIÇÃO — 3.^o MILHAR)



EDIÇÃO DA
«RENASCENÇA PORTUGUESA»
PÔRTO

**AOS PORTUGUESES QUE
SE BATERAM EM ÁFRICA**

**O vosso companheiro
de armas na Flandres.**

ADEUS

O BATALHÃO formou às 10 horas da manhã, como determinava secamente a ordem regimental da véspera. Formatura longa. O sargento gritava números dezenas de vezes.

—320! 320! Pela fileira repetia-se o número; os civis vozeavam também.

—320! 320!

—És tu Manuel, estão a chamar...

—Nossa Senhora te leve! E os braços estendiam-se, curvavam-se em torno da farda cinzenta.

Grupos havia que maguavam pela intensidade dolorosa dos aspectos.

Roupa pobre, os chales caídos, os lenços soltos, tranças desfeitas, abraços de mármore, lágrimas...

E os soldados violentamente largavam êstes grupos a enxugar os olhos nas mangas e no

lenço da ordem, distribuido na véspera, cheio de gôma.

As companhias iam quási feitas.

O mar de soluços abrandava. Um grito mais lancinante cortava às vezes a *parada* do quartel, como um comando e os olhos que se levantavam viam tombar ferida d'alma em desalinho alguma forma de mulher.

Fazia um sol encantador, eram fins de abril e as árvores tinham uma folhagem miuda de verdura nova e tenra.

Quando a bandeira apareceu, o comandante ordenou:

— Continência à bandeira!

— Apresentar, armas!

Fez-se quási o silêncio, e nos olhos chorosos das mulheres passou o orgulho antigo das mães e das mulheres dos heróis. Havia olhares que secaram para brilharem polidos dum sonho inconsciente. E os soldados pareceram-me acordados num momento, dum sono sem fim. E os oficiais que fingem sempre levar à bôca os copos da espada — naquela continência eu vi demorarem as lâminas verticais e nuas, os punhos cerrados sôbre os lábios.

Um alferes moreno e alto levantou em voz cadente a sua alma de transmontano.

— «Que os soldados fôssem na batalha impetuosos como o Corgo no inverno» «orgulhosos como as fragas do Marão» «iam buscar a he-

rança de nobreza que se ganha nos campos de batalha» «que as bênçãos não acabassem ali ... que abençoassem sempre ...»

Ao fim, o comandante ordenou o *desfile*, a música rompeu o hino do regimento e os soldados deslizaram entre a onda dos que ficavam e que ameaçava subverter a *formação*.

Eram nomes que se chamavam nas modalidades mais cruciantes que os meus ouvidos entenderam. Soluços a correr, a bater, a quebrarem-se, a despedaçarem-se como ondas, gritos dolorosos e agudos que chegavam às quebradas dos montes.

—Adeus meu filho!

—Adeus para sempre!

—Até à volta se Deus quiser!

O batalhão seguia sempre. Das janelas, mãos de mulheres largavam flôres. Flôres—é o que custa mais a dar a uma mulher! E pela rua fóra havia milhares de lenços desdobrados, a tomarem vôo.

Da testa do batalhão, chegou-nos ao ouvido perdido no clamor, como promessa de glória ou juramento de soldado, o fim da canção.

—*Do 13 nem um passo à retaguarda!*

Ao passar ao fim do jardim—reparei numa mulher que se debruçava do alto do muro. Tinha o cabelo branco como uma estriga, os braços nus e escuros, a blusa aberta, e o sol iluminava de chapa uma figura que honraria a estatuária antiga. Os olhos negros e fundos feriam, os vincos

talhavam-lhe no rosto uma vida intensa que acabava, o pescoço alto tinha cordoveias violentas. Conforme o batalhão passava ela curvava-se do muro a afundar o olhar, à procura. Por momentos, dos olhos caíam-lhe lágrimas enormes, mergulhava mais a cabeça na farda cinzenta, crispava as mãos uma na outra, procurava...

— Não vejo o meu filho, não o vejo...

Uma aflição enorme enegreceu-lhe mais o rosto convulso, batido de sol. A estriga dos cabelos soltou-se, sacudia a cabeça em gestos rápidos a atirar a trança fóra dos olhos.

Via o seu corpito tremer e as mãos alongarem-se no muro. Mergulhou mais os olhos a afirmar-se, a procurar sempre. Mais de metade do batalhão já lá ia... E então a mulher teve um desespêro surdo e sombrio a corrê-la toda. Uma nova esperança devia-a ter animado porque lhe passou de manso, muito fino, numa carícia à sua figura amarga, um sorriso quási infantil.

— Parecia o meu...

Em vão! O rosto e as atitudes antigas voltaram num momento. Ouvi-lhe dizer:

— Não o vejo!

E depois, como quem toma uma decisão

— É o mesmo!

Levantou-se o mais que pôde, levou as mãos a correr o peito, demorou-as um momento numa atitude de Pelicano, subiu-as depois a arremessar a estriga dos cabelos brancos sobre as costas, e

mostrando ao sol uma figura de dolorosa grandeza, sacudindo-se como as feras e abrindo os braços aos dois lados estendidos, como se quisesse abranger o batalhão inteiro, rasgou a bôca gritando :

— Adeus de ponta a ponta!

Árquejou o peito num fôlego de morte e tornou :

— Adeus de ponta a ponta! Adeus todos a eito!

Entre as flôres e as lágrimas que caíam, ouvia-se da *testa* do batalhão :

— *Do 13 nem um passo à rectaguarda!*

Desembarcaram em Lisboa num cais solitário, a dez passos do Tejo. Os soldados da serra, que nunca tinham visto o mar, olhavam maravilhados.

Havia guarda republicana, as ordens eram tais que nem se poudes deitar uma carta ao correio... e quando o barco se afastou com quatro mil corações, nem se quer havia um lenço branco na nossa terra!

Na cobertura cheia, todos voltados à praia e pelo cordame arriba, eu vi olhares que salvavam Lisboa, azangavam até ao Douro, rondando absôrtos a olharem, numa despedida suprema...

UMA LIÇÃO

— Ó MEU alferes, falem desta maneira! nem os pequenos se entendem!

Dizia-me assim muito admirado, o maior soldado da fileira. Eu sorri-me e êle encorajado pela confiança continuou:

— Os cães é que é tal e qual como em Trallos-Montes e mais as pitas... agora a gente!

O soldadão relanceou os olhos e liquidou abandonando a cabeça:

— Ah! o mundo é bem grande!

Tinha andado quatro dias de barco, três de comboio, ouvido uma língua diferente e parecia-lhe grande o mundo.

Passava-se êste episódio na aldeia onde acantonamos a primeira vez em França— *Senlecques (Dévres) Pas de Calais*.

Tínhamos chegado à meia-noite — fazia um frio enorme apesar de irmos no fim de abril — e

o batalhão inteiro dormiu, fatigado da longa viagem que fizera, pelas bermas da estrada, nas entradas dos alpendres.

De manhã a população olhava admirada a tez bronzeada dos nossos homens e voltava-se a vêr a sua marcha cadenciada, embaladôra e calma — *Les Portugais! Les Portugais!*

Era o que se ouvia em todas as bôcas.

À hora da aula a criançada formou para entrar na sala.

Dava na vista a quantidade enorme de babeiros escuros de luto.

Um russito de sete anos, vivo, muito direito, calote azul-horizonte na cabeça, afivela no vestidinho preto as côres da Legião de Honra.

Porque será que o petiz é condecorado?

Curvo-me a perguntar-lhe.

O petiz estranha a minha curiosidade, depois ilumina-se-lhe o rosto do orgulho gaulês e responde como um soldado:

— *C'est l'héritage de Papa, monsieur l'officier portugais, tué à Craonne neuve cents quinze!*

O professor vê o meu interêsse, vem cumprir polidamente e explica o costume francês dos filhos trazerem as medalhas dos pais quando morram na guerra.

Está junto de mim um capitão que fala correctamente o francês. O professor fala de Portugal.

Tem uma idea muito vaga do nosso país. O livro de história e geografia adoptado nas escolas officiaes que nos mostra para se justificar traz apenas seis linhas sobre o nosso país!

É triste vêr-se assim ignorado!

O meu camarada capitão pede ao professor que lhe deixe dar a lição aos petizes naquele dia — para que elles conheçam os soldados que alojaram e que vieram combater na sua França.

O professor fica encantado. Manda sentar os petizes — umas sessenta cabeças loiras que jámais m'esquecerão.

O official dirige-se a um *Mappa-Mundi* ao fundo da sala e começa a dar a aula.

Os petizes admiram-se de ouvirem a sua lingua ao official e estão atentos.

O nosso camarada veste o uniforme e mostra com a ponta da espada na Carta enorme onde é o nosso país, onde ficam as suas colónias — mostra-lhes os mares que navegámos, as ilhas que descobrimos, os impérios que conquistámos.

Passa à História e mostra os campos de batalha por onde andaram portuguezes — campos semeados ao azar dos séculos pelo mundo inteiro!

Fala da nossa amizade pela França e faz rir a criançada dizendo-lhes que em Portugal se quere tanto à França que é de lá que nos vêm numa condessinha os meninos pequeninos quando nascem.

Disse-lhes que vínhamos por honra nossa fa-

zer a guerra—vínhamos dum país de sol e loucuras, de dôr em dôr, de sacrifício em sacrifício, aureolados da glória antiga—até ali à Flandres imensa para nos batermos ao lado dos povos do mundo inteiro.

A criançada de cabeças de oiro segue o meu camarada, com olhos expressivos e extasiados.

Fala ainda de Portugal, do sol, do luar, do céu—diz aos petizes que o nosso país é assim pequenino para nos caber no coração.

E acaba em palavras de ternura pelos filhos da França...

O professor comoveu-se tanto, que chora e aperta efusivamente as mãos do oficial.

*

* *

Ao escurecer, o sino toca às trindades, badalando plangente pela campina além... as mulheres passam todas a caminho da igreja, de mantilhas escuras sôbre os cabelos loiros, o ar recolhido.

O sino calou-se e da capela de tijôlo e vitrais sai revoando em vozes de prata uma prece dolorosa.

— *Le salut des tranchées!*

*

*

*

À noite o meu hospedeiro, o bom M. Duwot, de boné flamengo até às orelhas, os seus setenta anos e o seu cachimbo, conta-me o baptismo de fogo que tivera em setenta, há quarenta e tantos anos!...

A SOMBRA DO PELOTÃO

OS homens formam.
Formam na estrada camuflada e à hora do poente.

Poentes da Flandres longos, brancos e iguais — matam as saudades dos luars de Portugal.

Os homens formam.

À direita os cabos, junto a uma casa destruída.

As casas conservam, mesmo destruídas, como a roupa rôtá, um pouco da vida que as animou.

E pelos buracos das granadas a gente vê detalhes que entristecem.

A seguir aos cabos, os soldados.

É tudo lá de cima das beiras do Marão. São bronzeados como os sinos dos campanários velhos, teem todos uma moldagem violenta nas feições, nos olhos escuros a luz é quási infantil e na

fronte há qualquer coisa do velho orgulho das gentes da montanha.

Formam a dois è dois, em duas fileiras que se vão alongando. À direita a casa destruída e mais à esquerda umas leiras de cruces.

O sargento diz cadenciado:

—215!

E o soldado responde seguro:

—Pronto!

E 216!

—Pronto!

E 17... e 18... 19. E os homens entram ao lado uns dos outros, o fardamento cinzento, chapéu de ferro, espingarda, o dórso forte talhado pelos francaletes amarelo-torrado do equipamento.

Estão à bôca das *linhas*.

Esta formatura é para se dirigirem para lá.

Até que enfim acabou a instrução!

Agora era o mistério.

E os homens formam.

O oficial volta-se ao reconhecer que uma das vozes, um dos «prontos», era trémulo e aprofunda os olhos no soldado nervoso que toma o seu lugar de olhar baixo.

Não se admirou. A coragem dos seus homens tinha sido malhada durante meses por tudo que a zona da rectaguarda arrasta da frente.

Desde o desembarque por mar até agora todos os dias o seu espírito tinha sido talhado por

uma história, por um mutilado, por bombardeamentos longínquos, por feridos.

E entre a frente e a rectaguarda há uma grande lupa. Há até pobres diabos que nunca viram uma trincheira e que em Lisboa... chegam a morder os «boches»

O Sargento continuava:

...e 18 e 19 e 20.

—Pronto!

—Pronto!

—Pronto!

No ar claro uma granada sibila... parece vir tombar ali... e ao longo da fileira, à esplendida luz outonal, o oficial vê que algumas espingardas não são firmes e que alguns dedos se enclavinavam no fustes.

—Não é nada! exclama êle a rir, enquanto a granada lá a cem metros rebenta entre fumo, terra e lume.

E não era. E na fileira esboça-se um sorriso.

Os seus soldados conhecem-no e acreditam-no poderoso e capaz de fazer desviar trajectórias de granadas. E era por isso que os olhares da formatura inteira caíam sôbre êle. Pareciam que lhe diziam por fim a velha dedicação lusa. Os nossos soldados—dão-se como nos apostolados. Que os levem e êles irão. E irão, e irão e irão sempre! Onde? para onde? contra quê? não importa!—Vão!

E vão e vão sempre!

E não sabem que são êles que nos levam a nós!

E o oficial ri, vagamente passeando o seu riso fileira adiante como um filtro.

As granadas continuam e o ruído das explosões apagava alguns números que o sargento retomava mais alto:

... e 22! e 23!

E a voz dos soldados crescia também.

— Pronto!

— Pronto!

A luz da tarde é tão impassível, tão suave, que lembra uma luz que fosse assim sempre, que não houve sol nem haverá noite.

— Não falta ninguém, meu alferes! diz o sargento de calcanhares unidos!

O oficial avança a fazer a revista dos que vão com êle.

Ao chegar à direita começa a inspeccionar: leva as mãos a uma corrêa mal afivelada, espreita uma cartucheira e mira a culatra. Parece contente, diz não sei o quê que não ouvi.

E o inspeccionado, sério como uma estátua, mexe os lábios breve a responder.

O oficial fixa atenção na fronte do soldado, corta bruscamente o sorriso de sempre, uma ruga profunda vê-se a cavar-lhe a face — e queda imóvel parecendo olhar lá para muito longe.

Os soldados esperam. E êle não póde andar. Seja o que fôr, funda-o no terreno, a ruga cava-se

e parece de funda a escurecer-se. A sua alma antiga d'artista de sentimentos curvava o seu orgulho de soldado. E êle, que pensava passar em revista o seu pelotão, encontra «a sombra do seu pelotão!»

Por cima das cabeças dos seus soldados, na luz alvadia de linho—via todas as figuras longínquas que lhe pertenciam. Todas as que os seus soldados lhe fizeram conhecer em meio ano de apertada convivência.

E o oficial começa a seguir fileira fóra, a ruga cavada... êste soldado grande, tismado, é isso, não tem ninguém, dissera-lhe um dia:

—Tu não tens carta, ó rapaz?

—Eu, meu alferes, respondera êle ao seu oficial, demorando a palavra num tom amargurado —não tenho ninguém!

—E então porque estás triste?

—Acho, meu alferes, que são as saudades... o seguinte, o António tem dois miudos a quem escreve como se soubessem lêr—para a mãe ter cartas... O terceiro, meu Deus, tem a mulher doente e escreve-lhe a dizer: «não te deixes morrer», «vende o meu relógio de prata e a roupa dos domingos». O Álvaro a seguir, mostrava-lhe um dia, cheio de orgulho, a sua rapariga. O Joaquim, o Manuel, o Zé, todos por ali adiante... Lá ao cabo da fileira aquele graduado só tem a mãe velhinha!

E a alma do artista sofria os prejuízos do militar endurecido.

Hélá! Todo o coração tem o seu sentimento. por mais pequeno e mesquinho; não há curva sem flecha.

E às vezes em torno dum homem só, às vezes que grande mundo moral!

E aquela gente que veio de longe a esta formatura!

Quem lhe ensinou as estradas que levam à Flandres?

Vieram!

E o oficial passando em revista os seus homens parecia alargar os olhos, revistando à militar — a sombra do seu pelotão!

Pobre gente de Portugal que deixou as fragas e veio de longada mostrar-se como nas aparições!

Está tudo! Desde o velhinho arrimado ao bordo até à criança ridente e confiada.

O oficial até lhe sabia os nomes!

As granadas cáem mais perto, uma faz tombar vagarosamente, como cáem os colossos, uma árvore.

O oficial não ouviu, segue devagar, o passo descansado ao longo das fardêtas.

É que êle também tinha na sombra do pelotão o seu efectivo. E via tão bem as imagens suas — melhor que se fossem reaes.

Lá para a esquerda cochicharam: «o nosso alferes está hoje tão triste, ó 22»!

Levanta os braços a abraçar alguém na miragem dolorosa da «sombra do pelotão», sorri-se e vai mais apressado, quási contente.

O poente branco, longo e igual, continua.

Uma voz firme e nítida comandou.

—*Direita—vol... ver!*

A CARTA

A MANHÃ estava fria. Caíra toda a noite uma geada enorme que embranqueceu como demãos de cal as ruas, os telhados, os travejamentos nús e desmantelados das ruínas, a campina indefinida e mortal. Era uma geada tão grande como uma nevada. E enquanto caminhava — estrada de La Bassée fóra, entristecia os meus olhos nas árvores da guerra, que teem como a gente, depois de feridas, atitudes de dôr e de sofrimento.

Aqui está uma que lhe custou a morrer!

Vejo o seu cadáver insepulto com a mesma comoção que o de um camarada.

A pobre foi primeiro varejada em todas as fôlhas pelas metralhadoras, depois o aço quente roeu-lhe a casca, os ramos pequenos caíram como se fossem dedos retraçados, depois foram os ramos maiores, e num dia de batalha, por fim, foi

obrigada a debruçar-se sôbre o dreno fundo, o peito aberto desfibrado, as raízes carbonizadas na explosão que a matou!

Custa a andar sôbre a geada, escorrega o calçado, mesmo o nosso que é pesado, ferrado, dentado.

E ao dobrar para a rua *Baquerot*, a *Rouge Croix* que viu batalhas e que ficou intacta entre ruínas, poderosa como todos os símbolos, detalha sangrando sôbre a geeira branca da manhã o zarcão dos madeiros colossais — como braços ensangüentados sôbre um lençol.

Um monte de azulejos, que tiveram letras escritas, mostra na confusão da ruína traços de caracteres: a artilharia rasgou aquele muro como nós rasgamos um papel.

O reflexo duma baioneta bate-me nos olhos e ouço o grito que me acorda:

— Quem vem lá?

É a sentinela — na porta estreita do abrigo, recortada a figura à luz avermelhada do brazido a que se aquece.

E o brado «quem vem lá» lembra-me que estou à bôca das *linhas* e ouço então a marcha cadenciada dos homens do meu comando.

Êste «quem vem lá» avisa que é preciso deixar toda a imaginação e empregar todos os sentidos e têr todos os cuidados.

— Atenção! A *Baquerot*, rapazes! Sabeis que é toda batida — cuidado com as metralhadoras!

E o pelotão marcha no silêncio da manhã de geada, *Baquerot* fóra, ao abrigo da camuflagem, o ouvido à escuta com o interesse de quem quer certificar-se de alguma coisa já ouvida.

Esta atenção cansa o soldado e ao fim de cem metros de marcha já se ouve conversar. Em geral são comentários, ditos isolados.

À nossa esquerda, uma metralhadora pesada gargoleja e uma voz diz:

— Lá está a *máquina de costura*!

— An? que cantiga, diz o outro.

Na verdade, é uma cantiga monótona e sinistra, que um terceiro comenta:

— Raio da *criança* não dorme!

E assim se continua marchando.

Agora é preciso mais cuidado — porque quando uma metralhadora começa, as outras seguem-lhe o exemplo e ao longo da *linha* estende-se um cordão de fogo.

E é preciso ainda que o ouvido amestrado saiba pelo ferver das balas onde elas vão. Assim se o fogo é alto devemos deitar-nos, se o fogo é baixo rente ao terreno, feito exactamente para apanhar-os que se deitam, é conveniente ficar de pé; mais vale que o aço morda as canelas como os cães, do que os miolos que não são tão duros.

Um soldado que se ergue depois duma rajada que passou, diz aos camaradas apontando a herva cegada pelo aço:

—Que tesoura, camarada!

A metralhadora é o camaleão da guerra. Onde não pôde estar coisa nenhuma — está com certeza uma metralhadora. Como as cobras escuras entre a herva, como os pássaros sôbre as árvores, cómodamente dentro de abrigos de betão, nas minas, nas covas, nos parapeitos, em todos os ângulos e todos os recantos.

E mais — podem estar sós como os môchos e em bandos como as perdizes.

—Onde estará esta?

É pergunta que nunca se faz, porque as metralhadoras estão em toda a parte.

A rajada passou e os meus homens levantam-se maquinalmente para continuarem a marcha.

Um dos soldados, rindo, vai limpando a cara que ao abrigar-se encheu d'água e lama.

—Que baptismo, 25, eh dianho!

—Esta ia-me penteando! diz um outro ao camarada.

Na verdade, a metralhadora tem uns dedos enormes de pele d'aço quente e de carne de chumbo a derreter, que penteia, mesmo sem penteador!

Com o trabalho que dão umas luvas grossas, puxo dum cigarro e comento para a tropa:

—Isto é que é uma geada, ó pazes!

*
* *

E a tropa entra na trincheira exactamente como a cigarreira na minha algibeira.

—A trincheira!

—Que esplendido para jogar o esconde-esconde, quando a gente era miudo!

Nesta guerra do Direito, as trincheiras são imenso tortas.

Tens razão, meu querido camarada d'armas, quando tu dizes ao ver surgir um soldado:

—Lá vem uma toupeira!

Entramos nas trincheiras. É talvez melhor dizer—infiltramo-nos, sumimo-nos, porque realmente a gente desaparece.

Aí vai a tropa a um de fundo interminavelmente aos ângulos, às voltas, às curvas;—as taboinhas dos taburnos parecem rolar diante dos olhos como se as passadeiras se fossem enrolando.

—Que fadiga marchar na trincheira!

O pelotão pára todo.

—Que seria? Não se póde passar? Porquê?

—É o 225 que tem uma grêva desatada!

E depois da grêva composta, os homens seguem em fila metódicamente a desaparecerem no primeiro través como uma fita métrica que vai recolhendo numa caixa.

Há-os que levantam a cabeça de vez em quando, a vêrem a planície coberta de geada e balisada de destroços de toda a espécie.

Podia descrever uma trincheira.

Mas estas são todas tão diferentes, tão variadas de desenho e traçado e até passam às vezes no mesmo dia por formas sucessivas! A que descrevesse agora, quando anoitecer bem pôde ser muito diferente.

Em resumo, *taludes* nus ou revestidos, um estrado de madeira e a geometria vadia da *magistral* aborrecida entre as trajectórias de tiro e os desejos dessa cozinheira velha — a tática.

E a tropa continua a sua marcha *Tyleloy* adiante.

— Cuidado ao passar na *B. Line*; é mais *enfiável* que uma agulha de albarda!

A metralhadora enfia as varetas de aço nas trincheiras, como as mulheres descuidadas as varetas dum leque num detalhe de vestido. E os soldados encolhem-se contra o parapeito enroscados, diminuídos à espera que passem elas... ou que passemos nós.

E as rajadas da metralhadora vão deslizando, batendo no rosto um respirar morno e rápido.

B. Line!

São 8 horas. Um sol brando que se pôde fixar sem maguar os olhos, espalha amarelados nas

folhas apodrecidas e nos sacos de terra, põe nesgas d'alegria na trincheira escura e húmida.

Reparo que o fumo do meu cigarro se doura ao sol brando—quási sou feliz!

Os soldados da guarnição desentorpecem, baixam as golas e riem.

Procuram o sol como quem procura alguém—êle é tão bom, o sol!

A tropa continua a sua marcha, as taboinhas dos taburnos passam, seguem, continuam.

Estamos na *Bristol*. Chamam-lhe os soldados o cemitério dos morteiros. A situação desta trincheira cortando um cêrro pequeno no coração do sector de *Neuve-Chapelle*—merece especial cuidado ao *boche*.

E ao dobrar um través, vejo debruçados uns poucos de malmequeres, tão direitinhos como se estivessem num jardim.

—Bem-me-queres—ó mal-me-não-queiras... e nunca!

E em lugar nenhum me influenciou tanto o mistério fatal que as ingenuidades de coração reconhecem nestas flôres.

Bem-me-queres e mal-me-não-queiras!

Há soldados que eu vejo angustiados tão longe da França como d'aqui a Portugal, desfolhando as pétalas brancas como se abrissem um timbre antigo de segredo.

E os seus lábios tremem dizendo baixinho as palavras da roda da fortuna.

Se a flôr misteriosa disser que «não»? Pobre soldado! será um dia de saudades negras e desânimos de morte, será o pior decerto que lhe poderá acontecer hoje; — antes quereria morrer!

— Mal-me-queres? — Não.

— Mal-me-não-queiras!

E as palavras fatais da roda da fortuna tombam como as pétalas brancas que os dedos vão deixando...

*

* *

1.^a linha.

É aqui. Ali defronte está o inimigo. A trincheira (?) estende-se aos lados com os recortes variados duma grande fantasia geométrica, que as destruições, o terreno e as reconstruções arranjam. Ninguém saberia construir esta obra prima: — uma 1.^a linha usada.

Aqui onde estou, conheci um *travês*, que foi um *abrigo*, que tinha sido *elemento de combate*, tendo sido posição de *morteiros ligeiros*, foi *pôsto* muito tempo, e sei lá mais o quê? E amanhã, daqui alguns minutos — talvez não seja nada!

Há terra na 1.^a linha que anda léguas! — quanta não chega aqui do seu vagar ao impulso da pólvora, lá de longe de Ostende?

E outra que vivia tranqüila nos seus dez metros de profundidade, e que dum momento para o outro se espalha a cair do alto, como água dum regador?

A 1.^a linha! Fantasie-se um arado de muitas rêlhas sulcando num galope diabólico êste pedaço da Flandres.

E parece aos meus olhos frios de soldado que desta geometria vadia se desprende a emoção dos que aqui vivem.

Parece que conserva como a roupa, que se veste um pouco da vida do dono. Nanja que o soldado vista muito tempo a trincheira;— esta, por exemplo, é destruída todos os dias e todas as noites edificada. Andamos à porfia nós e os *boches*.

Digo que o soldado veste a trincheira — porque a trincheira não é mais que a armadura da nossa guerra.

Estende-se aos dois lados — prá direita até ao mar, prá esquerda até à fronteira.

O parapeito d'argila queimada, de sacos rôtos e madeiras esfareladas, é o pedestal duma infinidade de estátuas vivas e incompreensivelmente heróicas.

Do mar à fronteira, aos Alpes, faz-se uma formatura d'heróis!

São grandes os homens ali — nem sei onde sejam maiores.

Continuo a minha volta — vou até adiante a *Fauquissart*.

O *boche* está tranqüilo. São 9 horas. Em frente, levantando a cabeça sôbre o parapeito, vê-se a linha inimiga e a *Terra de Ninguém*, a Avenida dos Alferes. A terra aí está revolucionada como se a escavassem monstros, nas rêdes d'arame farrapado vêem-se farrapos das fardas nossas e deles, e um pedaço muito direito concertado esta noite.

A geada vai-se solvendo.

O sol é mais dourado num céu de caliça. Uma revoada de corvos muito negros passa devagar.

Acendo mais cigarros e continuo o meu passeio.

Alguns homens lavam-se na água lodosa, outros juntam os cartuchos detonados, alguns comem o *casqueiro* inglês, os de *pôsto* impassíveis olham pelos periscópios, e, ao dobrar um través, no recanto dum parapeito, dois outros escrevem.

Detenho-me a vê-los.

Um de joelhos sôbre o *taburno*, os cotovelos na *banqueta de fogo*, segurando com a mão direita a fôlha de papel do caderno de dois *sous*, a cabeça apoiada na outra mão. Êste é o que dita, o que *nota* a carta. O outro, o que escreve, alonga o corpo sôbre a *banqueta*, o busto descido, a cara mesmo junto ao papel como se fôsse miope, a canêta na mão direita e com a outra ajudando também a segurar o papel. São duas mãos de trabalho que manobraram cordames de veleiro ou arrancaram de cabos de enxada—a segurarem uma fôlha de papel de carta!

E de rostos quási unidos vão ditando e escrevendo. Teem o tom bronzado da gente dos meus lados, quási imberbes, longos cílios d'olhos escuros e umas espáduas largas como duas angorêtas.

O que dita segue atentamente com os olhos o bico da canêta — tão atentamente como se fôsse assistindo ao desvendar dum mistério.

E assim os pobres caractêres tortuosos do que escreve levam mais do olhar do que dita que tinta d'escrever!

Estão tão longe dêstes moldes de terra! São tão felizes! Escrevem.

Escrever é quási confessar-se. A gente gasta saudades escrevendo e fica d'ânimo mais leve, não fica?

Não escrever daqui, seria como se dissessem — acabou, tombou. E numa carta póde meter-se a vida toda, como num beijo, como num olhar. Não vêem os crentes Deus todo na hostia que se levanta consagrada?

E eu vejo fazer dolorosas sagrações aos que teem amores.

Do lado inimigo, ouve-se uma detonação sêca, depois outra e mais — é o fôgo que começa.

— O *boche* já almoçou, ouço comentar.

E os dois soldados continuam a escrever.

A modelação, a voz, veste as palavras, dá-lhes roupagens de tom; — escritas, são nuas e impecáveis. Levam toda a sua pureza e toda a verdade — cáem do coração sôbre o papel.

E eu vejo através dos olhos dos dois soldados, como através duma ocular, a imagem simples a quem escrevem e como fundo, à tardinha, a sua aldeia.

Ouçõ então pedaços destacados que nunca esquecerei . . .

Olha, diz-lhe «que a não esqueço, nem um só dia dos que Deus deita ao mundo». O que escreve, soletra, demora e acaba silabando — ao mun... do.

Olha, agora diz-lhe «Maria, trago o meu peito coberto de paixões», e depois interrompendo e apressado: no fim hás de escrever «que o meu amor é como os salgueiros do Varosa, que nem de raízes ao sol são capazes de morrer» ouviste?

As granadas rebentam sôbre o *observatório* vizinho. Encomodam o que escreve, porque dá um estalido de língua e diz ao camarada:

— Não acabam com essa coisa!

Depois volta atento — «o peito coberto de paixões,» 215, não é?

E a mão enorme de veias sobrelevadas traça as frases de encantamento.

— Olha, volta o que dita: «Soidosa Maria».

— Soidosa Maria, já eu escrevi 215, responde o escrevente, ao que o outro retruca naturalmente:

— Escreve outra vez!

— «Dá a carta a lêr à minha mãe que hoje o coração não me dá largas senão para t'escrever a ti» continua o que *nota*.

— «Vai aí um tempo bonito para os magustos—quem me dera lá—aquí também os há, mas são de castanhas longais, não se póde estar ao pé, que atiram com a cinza muito longe.»

E os dois riem perdidamente com o espírito desta frase.

Dize-lhe ainda — «que tenho soidades grandes como as represas do soito, que as soidades me vão chegar para toda a vida, que nunca mais as hemos de ter! »

Uma granada perdida na trajectória explode fumosa, endemoninhada, a alguns passos. Tudo se abriga, e os estilhaços zumbem como grandes abelhões zum ... zum ... tzum ..., que o 215 coído ao parapeito arremeda dizendo :

— Lá vai um, lá vai um, lá vai um!

O tinteiro que foi trazido com tanto trabalho, através de marchas e formaturas, pelos cantos dos abrigos e esquinas de trincheiras — tomba desapiadado entre os dois homens que se abrigaram céleres.

— Arre que é burro! exclamam os dois, e seguem numa catilinária de palavrões para o *boche*.

Depois de muito trabalho continuam a escrever.

Teem os dois as mãos manchadas de tinta.

— Comá'sim é preciso acabar, 215. Então diz-lhe «que escreva na volta do correio» e depois, «soidosa Maria, deito um abraço ao teu irmão Joaquim, deito soidades a todos que por mim te procurarem».

— E ao fim, 215, hás de escrever aquele verso que escreveste ao 32, aquele que diz «que o papel sai da palma da mão e a pena do coração», sim?

Acabaram a carta.

O que ditava passa a mão pela cabeça, pela testa, a olhar admirado para os caractéres do 215, e por fim diz:

— Ah! se eu soubesse escrever! Eu inda sei algumas letras, mas poucas... olha? para escrever Adeus, quantas são precisas, 215?

— São poucas, espera. E o outro, o mestre começa a contar batendo sucessivamente desde o mendinho até especar na banquetta o polegar e responder admirado:

— Cinco! pensei que eram mais! É boa!

— E se eu escrevesse? aventa medroso o que ditára...

E começou a desenhar, a esculpir, guiado pelo 215, a palavra *Adeus*.

Caractéres novos d'ignorante, arrastados, tortuosos. — E que grande expressão o soldado deu às cinco letras: *Adeus*! Vejo-as ainda, o *A* enorme, esforçado mas a tombar, o *s* a fugir, a continuar-se por um risco até ao fim do papel e o *δ*

desdobrado em duas curvas como um lenço a acenar, a tinta húmida...

Tinha esquecido os meus homens, e volto a percorrer a 1.^a linha adiante até à *Sunken*.

Faz mais frio que de madrugada. O sol continua brando e como faz claro vê-se por aí longe a planície infinita das destruições selvagens.

O tempo passa.—O bombardeamento irrompe agora mais violento, mordendo a linha.

Começo a descer a *Tyleloy*, as mesmas taboinhas, os mesmos ângulos, as mesmas voltas, a mesma lama, as mesmas fôlhas podres.

Aí a Flandres não tem outonos d'ouro!

Ouçõ uma voz que me pergunta:

—O meu alferes dá-me licença? Volto-me. Dois maqueiros, cruz vermelha no braço, seguram a maca da ordem. Côso-me o mais possível à escarpa para os deixar passar.

É um ferido.

Levanto a mão espalmada ao bordo do meu capacete, a fazer a continência ao herói que passa.

Turvam-se-me os olhos ao vêr na mão que passa rente a mim balanceando, moribunda, fóra da maca—uma nódoa grande de tinta d'escrever!

Neuve-Chapelle, novembro de 917.

FRASES DE LEGENDA

OS flocos de neve peneirados docemente faziam esquecer. O combatente não descança, tem como os relógios um pêndulo a bater, a chamar, a lembrar... mas a neve afasta e apaga tudo que sentimos.

Estendo a vista sôbre a planície que os meus olhos conhecem vermelha de cratéras, doida de rugidos, dolorosa de escombros e ruínas, selvagem de sangue... e a planície parece sob a neve que adormece fatigada, que se penitencia de rastros.

Está tudo tranqüilo. E a tranqüilidade contagia-se como o alvoroço.

E a neve continua a cair espalhando a suavidade dos seus flocos silenciosos.

E as minhas saudades adormecem como crianças vestidas de branco vindas da novena — pois se a neve tudo faz branco!

Estou no *apoio*. Que calmo!

Tenho o desejo de sentir ao pé de mim alguém amigo, muito amigo.

Abotoada a pele de cabra e afivelado o cinturão, aí vou à procura.

Lembra-me um camarada que é artista e que está na 1.^a *linha* em Fauquissart. Tem uma alma grande, olhos escuros e uma inteligência clara.

Comanda a *linha* no Fauquissart e decerto está vendo a neve cair do seu *posto*.

E lá o encontro d'olhar aberto reparando pra longe.

Quando me vê, eu noto a sua alegria.

Corre para mim, deita-me as mãos enluvadas, abraça-me a sacudir a neve da minha pele, dizendo:

— Como tens bom coração, a sala de visitas é detestável, mas tu vens vêr-me a mim — não é?

— Venho, respondo-lhe eu, a neve fazia-me dormir — até me picam os olhos com o sono!

Rimo-nos. Vamos até adiante.

— Tem a bondade, diz o artista, a dar-me a frente.

— Oh! tem a bondade, tu, comandante! Nas trincheiras como nas salas faz-se cortesia.

— O *boche* está fraternal e é uma divisão prussiana — informa o meu amigo.

Marchamos sôbre a neve que abafa os passos como um tapete.

Ao passar duma trincheira mais larga onde

vamos quási a par — digo para cortar o silêncio que nos cerca:

— Ora cá estamos a fazer a guerra!

O meu camarada abana a cabeça demoradamente, parece encadear ideias feitas e diz-me:

— Já viste estupidez maior? Repara neste corredor sombrio, esquartelado de traveses, de muros tombados e a morte de todas as bandas — até dos pés, do chão, das minas que soterram como terramotos! Nem *panache*, nem ouropeis! Não se póde fazer arte nem ser poeta. Tu acreditas que a guerra é um motivo literário para quem a faz? Adeus recontros d'espavento em campo e raso! Não se póde morrer como a águia de Heredia. Que lindo não é

L'aigle ayant passé les neiges éternelles...

E recitando, o meu amigo artista, comandante da linha, enche de sonho estas paragens sombrias.

— Ah! não! continua o alferes, não! Morre-se deitado a dormir, morre-se à mesa a jantar, a calçar as botas, a escrever, aqui de mãos nas algibeiras, de todas as maneiras menos a de combater! Quando se acende um cigarro, sabe lá a gente se o acaba de fumar?

A neve continua a cair e por um *paradorso* cortado vêem-se as ruínas de *Neuve-Chapelle* emudecidas.

Debruça-mo-nos neste córte a olhar Flandres fóra.

A Flandres das neves e das crenças, a Flandres vermelha dos incêndios e das batalhas, das mulheres brancas e das cruzes de seis côvados, a Flandres dos campanários e dos canais infindáveis d'água verde!

—Ai a guerra, meu amigo!—continua o artista, está mecanizada, regulada, tem estatísticas, mapas, preços, tudo!

Nas linhas alemãs ouve-se um estalido sêco. Olhamo-nos os dois, os segundos passam e ouvimos o fragôr dum morteiro pesado que se es-cacha, levantando a trinta metros uma tromba de terra.

—Tu não vês perturbarem o silêncio da neve caindo?

—A neve!

Outro estalido — novo fragôr.

—A neve, diz o meu amigo — sabes que os senegaleses tem mêdo à neve, em *Béthune* contam a história dum que a neve endoideceu!

Os estalidos repetem-se, a terra estremece, os soldados levantam o nariz a vêrem os morteiros que descem verticais e escuros.

Ô meu camarada continua a conversar.

—Tu não vês estas surpresas? Nem se sabe donde, nem se sabe quando e nem se sabe de quê...

—Fatalismo!

O estrondear dos morteiros obriga o meu camarada a repetir palavras que se não ouvem.

Como bombardeiam — vamos vêr, percorrendo a linha nos lugares batidos.

Na neve abrem-se coveirões escuros como manchas de tinta em papel branco.

— Tu não vês o *boche* o que faz?

E o artista tem uma palavra de cólera para o inimigo — que focinha os seus morteiros a estragar o lençol de neve.

— Olha? grita-me o meu camarada assombrado, a cravar-me os dedos de luvas grossas na minha manga.

— Olha!

Eu olho e vejo o parapeito todo destruído, completamente arrasado por um morteiro que explodira — e um soldado cheio de terra escura que caíra do ar — hirtó, encostado à espingarda, a baioneta nua...

Êste homem tem aberto diante do peito o caminho a todas as balas, a todos os estilhaços. O observador *boche* em frente não faz fôgo — porque devia vêr êste soldado a que o parapeito voára. Continua no lugar que lhe destinaram — encostado à espingarda, a baioneta nua.

O herói dá conta que chegamos.

Faz a continência regulamentar e sossegadamente, como numa parada, ali na 1.^a linha, coberto da terra da explosão, ainda envolto na fumaça, pergunta ao seu comandante:

— *Fico aqui ou mudo de lugar?*

A neve continuava a cair.

O *boche* fartou-se e calou-se. O silêncio tornou ao longo do entrincheiramento.

E o meu amigo artista estende uma carteira de cigarros para condecorar o herói — que agradece muito.

São horas. Tenho de voltar ao *apoio*. O meu camarada acompanha-me até ao observatório. E já ia afastar-me, quando me diz no maior cúmulo de gentileza que póde ter um comandante *da linha*:

— Olha, desculpa!

— O quê? pergunto-lhe eu intrigado.

— *Os alemães teram bombardeado!*

A MORTE DO SAPADOR

TINHA sido há dias—a Batalha de *La Lys*. O *boche* arremessava doido sôbre a Flandres o seu desespêro sombrio.

Sôbre a rectaguarda caíam as guarnições desmanteladas.

Pela campina fóra, dolorosa de tanto ano de guerra—ecoava o suspirar gigantesco duma civilização que desaba.

E a França subvertia-se à onda alemã que rolava lá baixo até *Amiens*, aqui até ao monte *Kemel*.

Andava tudo triste.

Não podia olhar uma árvore—parecia-me uma prece da terra para a defendermos. Os ramos imploravam como braços, como olhares. E eu, tristemente, sentia cair do peito o sangue junto de todos os meus soldados mortos...

É tão bom amar a sua pátria—mas custa tanto ser vencido!

Ficaria bem entre os que me acompanharam um ano longo de luta e de neve e de saudades!

Que amor pelos que caíram enrolados em metralha num sonho de vitória!

E o *boche* pisa a farda cinzenta que encontrou debruçada ao parapeito a tomar-lhe o caminho— a farda dos mortos!

E da batalha que não findava, assim de longe, o bombardeamento soava num carrilhão.

O aço dos canhões era bronze de sinos!

Pobre França, pobre Portugal!

Tinha sido há dias a batalha de *La Lys*—e a minha companhia dormia numa *ferme* ampla e fria.

Era um resto de soldados queimados de gás e extenuados do combate.

A palha agasalha pouco, a noite era fria e eu levantei-me a fazer uma fogueira para me alegrar e aquecer.

E assim afastava dos olhos as visões sombrias que uma batalha sangrenta deixa na gente.

E eu não quero vêr a arquitectura estranha da labareda no nevoeiro sinistro, como se a própria terra ardesse. Não quero vêr as máscaras sobre-humanas dos lutadores, nem a linha flexuosa dos capacetes inimigos a jogar-se como um laço sobre o reduto.

Como estão bem os que ficaram lá dormindo para sempre!

Acendo a fogueira para me alegrar e aquecer.

Faz tão bem esta calentura!

Chego mais lenha, componho melhor a madeira que se desvia e volto os olhos para êste lume de lar como para alguém que me entendesse.

E as visões do combate fogem ao sortilégio da lenha que arde.

Faço um cigarro vagorosamente para queimar no seu tabaco e largar no seu fumo estas coisas... e ficar tranqüilo.

Ouve-se o canhão e o respirar dos homens que dormem na *grange*.

Olhava o fumo do cigarro distraído, quando da sombra vejo arrastar-se outra mais escura, passando a porta destruída da cardenha.

É longa—deve ser d'homem alto.

Arrasta-se mais até ao meu lado, ouço a sua respiração cansada de sofrimento e vejo-lhe os olhos escuros de tristeza.

—És tu Menaita? estás mal, meu rapaz?

O soldado sorri. Ageita-se mais perto do lume e levando a mão à axila diz-me:

—Perdi muito sangue, mas não é nada, a Senhora da Guia há-de melhorar-me... a minha Prazeres pede-lhe. E depois voltando os olhos para mim, numa confiança encantadora...

—Até era capaz de lhe dar as tranças que tem!

Vejo que custa muito a falar ao soldado e calo-me para êle se calar também.

A noite é fria e escura, de claro só há até onde abrange a fogueira: um pedaço de caminho e um muro esburacado. Depois é a escuridão cerrada—até à franja rubra da linha de batalha, lá do lado donde vem o sol.

O meu sapador tem uma alegria indefenida, num olhar que sai d'olheiras escuras e grandes como duma máscara veneziana. Acomoda-se à ródá do lume e estende o braço às vezes a compor a lenha que vai ardendo. Esta fogueirinha deve fazer evocar ao meu sapador coisas felizes porque no seu olhar continua uma alegria indefenida e serena.

Conheço-o bem. Aparecem-me pela memória os dias de guerra em que o vi.

Há mais dum ano que o seu dôrso vive curvado no sector português.

É um veterano.

Já tem que contar lá na aldeia, aos domingos.

Oferecia-se sempre nas acções arriscadas e escrevia cartas duma saudade lusa para a sua terra.

Muda o seu olhar d'alegria serena num olhar fatal de tristeza. Para vêr se o detenho nesta queda brusca, acordo-o, dizendo:

—Então, Menaita, que temos?

—Estava a lembrar-me de coisas... ha! quando a batalha começou e que tudo ardia, estava a lembrar-me que a gente arde como lenha. Reparou que um homem assim como nós—fica como um pequeno de doze anos... um chamiço?

E o meu sapador passa no olhar uma sombra de terror que me confrange.

—É bem melhor um rosário de balas, diz o Menaita, ou uma caqueirada...

Vejo-o sossegar pouco a pouco e depois rematar:

—O meu tenente fez bem em vir para a fogueira, êste luminho aquece... e o que lá vai, lá vai...

O calor seca-lhe o sangue espalhado nos pensamentos, tornando-o mais escuro. Eu chego mais lenha à fogueira e dou tabaco ao soldado para o entreter.

E como me aproximo dele, reparo nas suas feições desfiguradas, numa palidez mortal. O meu sapador deve ter perdido muito sangue.

E, fumando, repara na fogueira como se deitasse a vista a uma pessoa que lhe falasse.

—Parece que estou ao lume na minha terra! monologa o soldado esquecido.

E da garganta sai um suspiro que se equilibra, alargando depois em voltas para acabar, como fôlha de árvore caindo.

—O meu tenente—pregunta êle, depois de deixar de olhar o lume, e circundando a vista na

escuridão da noite—o meu tenente sabe para que lado é Portugal?

Indico-lhe num gesto o lado do mar. E o sapador volta a cabeça como se pudesse vêr na escuridão da noite.

Leio o seu desgosto porque o olhar s'escurece como o sangue sôbre os pensos brancos ao calor do lume.

Para o desviar das saudades e porque lhe vejo tremer a mão onde segura o cigarro, desfecho-lhe esta pergunta:

—Foste tu um dos que fez saltar a ponte sôbre o Lys? Estava cá a lembrar-me...

O Menaita parece acordar, as feições avigoram-se e conta em voz enérgica:

—Fui! E era o último. Já tinha rendido uns poucos... Enquanto os nossos passavam, eu atirei sempre sôbre os alemães que de *Lavantie* chegavam entre o nevoeiro — eram tantos! Mas caíam, caíam ainda mais que nós.

O sapador cala-se e mete a mão entre os pensos como é costume dos feridos levados pela ardência da carne esfrangalhada.

E sôbre o sangue escurecido dos pensos vê-se arredondar, alargando, uma mancha mais ru-bra de sangue novo.

Digo-lhe que tenha cuidado com o ferimento.

O Menaita encolhe os ombros e entusiasma-se contando:

— Enquanto tive fôrças gritava aos que passavam — quási todos feridos — se ainda havia dos nossos lá para a frente... Quando comecei a vê-los rarear... devia ser o fim. Aos meus lados os escoceses esperavam — bom soldado, meu tenente, e quando os *boches* chegam saltam-lhes como tigres, a baioneta encostada aos olhos.

A face do sapador escurece e retesa de vez em quando os músculos em atitude d'esgar que passam, para voltar uma sombra de sorriso.

— Já o fogo era basto, diz o Menaita, e não passava ninguém quando êste maldito se cravou aqui. O meu tenente lembra-se de me fazer sinal?... já eu estava com a minha conta. Um dos nossos mortos ficou aberto assim, peito abaixo.

Faz tanta pena vêr cair os estilhaços sôbre os que já não sentem!

Faço crescer a fogueira, ouvindo o soldado. Da linha de batalha o mesmo clarão rubro-amarelado do bombardeamento.

— Depois esperei, continuou o Menaita, esperei que o *boche*...; cala-se de repente como se uma grande dôr o não deixasse falar, ao pobre sapador.

Leva as duas mãos ao peito, tombando sôbre a terra a cabeça. Ergo-me para o amparar, pede-me água docemente, «uma pinguinha d'água» diz em voz muito baixa.

Encho o copo do meu cantil, que o soldado bebe a haustos largos.

Parece ficar cansado, respirando fundo e batendo as pálpebras vagarosamente.

Pregunto-lhe se lhe dói muito o ferimento.

— Não, não é nada, não é nada, diz o Menaita acenando com a mão.

Tem o olhar escuro fito na fogueira e os lábios cerrados escuros como os olhos.

Contorce-se levando a mão à ferida d'axila remexendo entre os pensos.

Ouço-o chamar baixinho pela sua mãe e vejo um fio de sangue a descer pelo canto da bôca até à orelha, a sumir-se na gola cinzenta...

UMA PATRULHA

IAMOS no fim do jantar — no *abrigo-elefante* do *mess*, nas trincheiras.

Bebia-se rhum, fumava-se.

Um tenente guloso divertia-se a queimar rhum e açúcar, enchendo o abrigo da luz azulada do álcool.

Na véspera um alferes da 1.^a tinha feito uma patrulha e como era a primeira do batalhão — pedimos-lhe que contasse.

E o alferes contou:

— A ordenança entregou-me o envelope amarelo torrado da ordem e enquanto o abria ia pensando — que será isto? que vão chatear o diabo!

Era uma nota escrita com aqueles princípios que o R. de C. recomenda, com os cuidados que certos livros de conventos descrevem um dôce d'ovos.

«Patrulha d'oficial, 30 homens, às linhas inimigas. Saída no ponto M. 22; H. 12. Leva uma metralhadora».

Que é como quem diz: Rapazes, «ovos frescos batidos, duas colheres de farinha e 6 d'açúcar...»

E como era a primeira esgargalei a cabeça acima do parapeito a dizer-me mentalmente: e é isto por aí fóra que eu tenho de atravessar! E amarrotava na algibeira aquele bilhete de visita delicado e correcto, dos que usam amavelmente cá nas linhas, nestas relações de gente que combate.

—Estas ordens, interrompe o oficial de sinais, deviam ser feitas em bilhetes de luxo, uma cantoneira dourada!

—Nomeado, continua o alferes, sacudindo a cinza do cigarro, era só eu—a soldadesca queria ir toda—gostam da brincadeira, os almas de breu!

Havia lá soldadinho, entre os trinta que levei, que conhecia aquilo como a casa dele—são desses que aborrecidos nas noites largas, vão á cóca do *boche* por passa tempo. Pois quando a noite começou a descer nevoenta e sinistra, rápida de sombras aos encontrões, gente apressada...—você já repararam que certas noites são fechadas que nem barragens?

O alferes parou a pensar, com um fósforo acêso e o cigarro na bôca para queimar.

— O pior, não há dúvida, o pior, é quando a gente, para saltar à *terra da promessa*, apoia as mãos no parapeito; parece que ardem como este fósforo, diz o alferes rindo alto.

E continuando:

— Durante o tempo que escolhia os trinta homens, dentre tantos que me queriam acompanhar, passei um suplício. Podem não voltar e isso... de resto não é nada!

Teem uma vantagem as preocupações—*voilà!* —é que não damos conta das inúmeras coisas que teem o mau hábito de cair na *1.ª linha*.

—Homem! sê delicado, diz um oficial arrelia-dor — *1.ª linha?* — sala de visitas, se faz favor!

Depois, camaradas, fica a gente impaciente até chegar a hora da ordem. Olhamos o relógio, como se esperássemos uma mulher, repa-ra-se tantas vezes nos ponteiros que se não avalia o tempo. Chega-se a levar o relógio ao ouvido na desconfiança de que pararia.

Reparando nos homens que me acompanham —esta pecha sentimental que vocês conhecem!— eu vejo as mães daqueles soldados todos. E como sou aldeão e conheço toda aquela vida, vejo-as à lareira, reparando nas línguas de lume, as contas sôbre o avental a passarem devagar em dedos que se fizeram velhinhos a vestir, a alimentar e a abençoar êstes rapazes.

O oficial que se entretêm a fazer o ponche, levanta os olhos da chama do rum e exclama:

— Isso é em *dó* menor, ó tu?

O camarada que conta, retoma.

— Vejo na sombra do olhar esquecido na la-
reira, que êsse olhar vê perpétuamente o seu fi-
lho e que as contas cáem por êle só!

E o grande oficial sugava o cigarro forte-
mente para encobrir a emoção que o ia toman-
do, e continuou:

— E êles, os soldados, estavam ali reunidos
onde os parapeitos estavam mais direitos mos-
trando à luz dos *very-lights* os rostos sorridentes
e o olhar infantil.

*

* *

— Vê lá se te perdes de mim! gritei ao Zé,
antes de subir o parapeito.

Ao que êle respondeu:

— O meu alferes de noite deve vêr melhor
que eu.

— Porquê, rapaz?

— Se o meu alferes se não zangasse...

— Não, homem!

— Porque tem os olhos brancos, e lá na mi-
nha terra...

— Diabo do rapaz! comenta o oficial do xa-
rope.

O que contava levanta-se e encostado ao abrigo, de perna crusada, continua melancólico.

—Quando se marcha assim para estas coisas, julgo que todos temos as *secousses* que nos são próprias. Eu não acredito nos sangues-frios das fôcas — lá isso não!

E depois vem a estranha ronda das recordações; vocês sabem aquele verso de Baudelaire:

J'ai tant de souvenirs . . .

A gente vê pés pequeninos, tranças, tudo correr ao longo daquela crista de fôgo que está lá baixo... Súbito, levantou-se um nevoeiro regular que me ajudava.

À uma hora foi a largada.

Na sombra outras sombras a deslisarem.

Vocês vão vêr como os sentidos se afinam!

Oriento-me pelas duas filas de choupos escavacados — a árvore das quadras e das guitarras. E depois é a marcha penosa, os trinta homens espalhados, a cortar o terreno de coveirões, de lama, de lôdos.

Os *very-lights* desciam a demorar-me enormemente — e as coisas tinham sombras que se espalmavam tombadas, outras que corriam como inundações d'água suja, outras grandes que eu não via até onde chegavam.

—É animada a vida lá na *Terra de Ninguém*? pergunta o oficial granadeiro.

—É, diz o que conta, é uma vida de sombras, há-as que parecem avançar para nós como monstros, nalgumas a gente coloca velhas imagens que um dia escreveu. E todo êste cenário muda de minuto a minuto.

Os choupos lá vão numa romagem hierática de silhuetas dreno fóra. E os meus homens avançando na sombra como conjurados parecem certos desenhos a nankin.

Vocês conhecem aqueles livros de *sport* em que um movimento se decompõe em centenas de fases? Pois numa das vezes, surpreendidos pela luz, estacámos como se nos fizessem o gesto que transformou em estátuas de sal às portas de Gomorra as duas fugitivas... braços alongados, prolongados até à baioneta, bustos dobrados sobre o chão como quem vai a firmar-se no caminho, flancos torcidos dos que iam a voltar-se, outros enrodilhados como novelos, outros em sentido como nas paradas, outros debruços tomados...

—Olha lá, diz o oficial bebendo aos golinhos o xarope que fizera—isso era uma aula de corografia às 2 horas da noite na *Terra de Ninguém!*

—Nas linhas inimigas vejo o branco de dois olhos luzir. Cervejeiro duma figa que me estraga o arranjinho!

Ponho ao lado a bengala, pego na espingarda da ordenança, dobro a cabeça sobre o delgado —faço bem a minha pontaria aos olhos pertur-

badores, e depois na sombra, ao escachoar das metralhadoras, o meu tiro partiu.

O alferes descrevendo, gesticula dentro do abrigo toda a mímica do que contava.

— Os homens que se deitam ao meu lado, continua o alferes, mais sossegado, teem uma respiração apressada como se tivessem corrido quilómetros. Sinto a roupa alagada da água e do suor e como se saísse da terra, mesmo debaixo do meu ouvido, o tic-tac do meu relógio... tic... tac... tic... tac.

O alferes enche o seu calix de rum loiro, e beberricando continua:

— Um dos soldados que aprofundára já a vista na trincheira inimiga diz-me ao ouvido:— nem boia, meu alferes!

Realmente a trincheira parece abandonada—nem é trincheira—de tal forma a nossa artilharia se entretêm a tarar aquelas terras.

Os meus pés escorregam ao tocar no solo sobre não sei o quê; roupa molhada, madeira, lama?—não sei. Firmo uma das mãos na berma e com a outra vou certificar-me onde devo segurar os pés e a minha luva grosseira palpa nervosa, tacteante—botões, uma gola e uma cara mal barbeada...

Devia ser o olhar em que há pouco reparamos.

Ouvem-se passos, o *boche* passa.

Rompe sobre nós uma fusilaria medonha.

E os meus trinta homens estão na sombra isolados, espalhados em mais de duzentos metros!

Que hei-de fazer?

Os passos que ouvira aproximam-se e penso que vamos ser apanhados.

— Não, riquíssimos *boches*!

E o apito lança na noite o sinal combinado.

Sinto um pé seguro numa laçada d'arame como numa ratoeira e, a desenvencilhar-me, caio dependurado na cova dum morteiro... e a laçada fecha-se inexorável com o meu pêso.

Minutos detestáveis rapazes, ri o alferes, pensai uma destas...

Ouçó a restolhada que a tropa faz a afastar-se e um zumbido feroz nos ouvidos — é do sangue que desce. E a minha ordenança, com o seu cuidado, corta o arame e diz-me:

— Os oitros já lá vão, o meu alferes parecia uma pita!

O nevoeiro está mais cerrado, a sombra dos choupos continua-se na escuridão...

*

* *

Os camaradas interessados escutam silenciosos o alferes que continua:

— Os meus ao retirarem encontram uma patrulha *boche* no nosso arame — e as duas patru-

lhas fusilam-se, granadeiam-se, sem se verem, na sombra, na lama.

À luz clariante dum *very light*, recortadora — lembro-me de contornos escuros de soldados, as pontuações avermelhadas dos tiros e a golpear o conjunto os reflexos rápidos e frios das baionetas despidas.

A metralhadora que levára morde.

E a patrulha *boche* sumiu-se, ainda hoje não sei onde!

Ouçõ ainda os meus soldados gritarem como na caça ao coelho sôbre duas sombras que se esgueiram.

— Cerca! Ali! Eh Menaita! É cem velho

Os almas de breu, como não estavam habituados, fizeram êste disparate.

Os soldados começam a entrar na nossa trincheira. No lugar da luta cáem fumegando os morteiros que a algazarra provocou.

Para a esquerda desenha-se uma figura maior de três soldados — devem segurar algum ferido.

Isto entristece-me. Oxalá não seja nada. E não era realmente.

O *boche* enfurecido bate e rebate a *Terra de Ninguém* — onde não tenho um homem! Tinha-os contado ao descerem ao longo do para-peito.

Enganára-se.

E o alferes corpulento, d'olhos infantis, re-

corta na face um sorriso violento, enrugado de vingança, d'ironia e desprêso.

— Já agora, diz o subalterno, voltando-se para o comandante, digo o resto.

— Eram cinco horas, ainda não clareava. Depois de passar a vêr os homens que me seguiram, fui deitar-me.

Começava a amanhecer — os sinos de La Gorgue, de Merville deram a tocar. E entre o som dêstes sinos — há um que parece o sino da minha aldeia, o grande, o das Almas, que toca às Avé-Marias e que tem uma voz grande e amiga, — que se ouve além Douro. E adormecendo, eu sigo com os sentidos o som do sino da minha terra, entre os sons de todos os outros, como a gente segue um conhecido numa multidão.

Faz-se o silêncio no *abrigo-elefante* do mess.

Uma ordenança entorna mais rhum nos cálices — e o oficial, que faz xarope de rhum incendiado e açúcar, propõe:

— Ora agora, vamos falar de mulheres...

BATALHA DE LA LYS

TINHA chegado de Portugal no dia 26 de janeiro. A minha Companhia continuava a fazer serviço em *Neuve-Chapelle*. Estava alojada, na linha das aldeias — *Riez-Bailleul*.

A minha ordenança foi-me esperar a *Béthune*, ainda convalescente do último ferimento. Tinha tido poucas baixas durante a minha licença.

E entrei nas linhas nesse mesmo dia ainda quente do sol do meu país, tendo na bôca ainda os beijos das despedidas.

Cheio do recolhimento das minhas saudades, sentia no rosto as lágrimas quentes da minha mãe e na alma os soluços dolorosos que uma onda de cabelo escondia como os pés de Jesus.

O *boche* bombardeava agora mais que o seu costume.

Lendo os comunicados, olhávamos para a carta a vêr fechar-se a curva sôbre *Amiens*.

E só por desespero é que o *boche* mudaria d'objectivo.

Para passar — depois de ter andado até *Amiens* — era mais facil que por aqui.

E entre a officialidade radicava-se a idea de que no norte não se tentaria passar. Com-tudo os bombardeamentos eram contínuos e ou-via-se durante a noite do lado do *Bois de Bié* um movimento desusado. Não havia descanso. Muitos officiais não se deitaram oito dias, dor-mindo entre dois bombardeamentos, sentados pelas banquetas de tiro.

Como tínhamos atacado, julgamos Fritz muito zangado.

E na noite de oito d'abril em *Riez-Bailleul* — na linha das aldeias — abrigado num destroço da casa já muitas vezes remendado pelos meus sapadores, lia um Boletim d'informações, que dava ao inimigo em todo o sector português uma irrisória bateria mixta.

De resto, os gendarmes obrigavam os civis a entrar nas habitações vizinhas das *linhas* e que tinham abandonado em comêços de Janeiro.

Dormir-se-ia tranqüilo. Era da mesma opi-nião o camarada inglês comandante de 3 bôcas de fôgo d'artilharia pesada nossas vizinhas — que ria largamente e que me fazia passar a vergonha de ter um excelente *Pôrto*. Com que saudade

eu recordo a negaça que o bom Wallery me fazia!

Uma dessas peças, a mais próxima—quando fazia tiro, apagava-me a vela de estearina e nessa noite mesmo, enquanto me deitava, amigo *camone* fez um tiro para me apagar a luz e entrar depois a rir no meu quarto-abrigo!

Já que entro em detalhes, não quero esquecer o antigo relógio holandês que um soldado curioso regulou e que entre escombros batia o seu pêndulo, deixando cair ao longo de tijolos desconjuntados as cadeias e os pêsos de metal amarelo.

E como o sector estava duma calma absoluta, fomos deitar-nos dizendo como à saída dum club:

—Bôa-noite! *good night!*...

*

* *

Acordei sob um bombardeamento espantoso. Uma onda de metralha rolava como uma vaga ràsoirando toda a frente. O relampaguear das bôcas de fogo abre crateras sinistras entre o nevoeiro mais denso que na minha vida ouve. E os rebentamentos das gránadas semeiam halos de luz vermelha-amarelada.

Os estampidos acumulam-se, amontoam-se, desdobram-se, remontam e descem numa procela demoníaca.

E tudo isto foi iniciado no mesmo segundo.

Olho o mostrador do meu relógio — os ponteiros marcam insensíveis 4 horas.

A minha ordenança chega e...

— Que temos, rapaz?

— Que havemos de ter, meu tenente.

Ainda me ajuda a vestir o impermeável — dizendo não sei o quê, a que, a que não prestava atenção, porque puxava pelo meu ouvido habituado à procura da nossa resposta.

Alegro-me ao reconhecer a nossa artilharia, furiosa, desesperada, fazendo um rufo contínuo ao longo do sector.

— Lá está a nossa, grito à minha ordenança, sem ocultar o meu contentamento.

Na verdade era preciso uma atenção forte e hábitos velhos de trincheira, para adivinhar entre o fragôr de mais de 1500 bôcas de fogo, o ruído miudo e seguido do nosso 7,5.

E a velha casa, fortificada e remendada, oscila como uma árvore sob um vendaval. Uma oscilação forte, explosão ao ouvido, anda-se de balouço, uma caqueirada, restos de telhado, zinco, betões, uma entulheira enorme... e lá vão alguns dos nossos!

E fóra, já no terreno livre fronteiro, junto dos meus homens, começo a avaliar o que se passa.

O *boche* bate em três zonas distintas.

A primeira abrange as linhas (1.^a linha, trincheiras de fiscalização e apoio) e todas as comunicações, tanto fechadas como abertas; — toda a zona é batida por uma morteirada infernal e artilharia ligeira.

A segunda abrange as artilharias, a poderosa linha de defesa das aldeias — e é batida por calibres médios, abundando sôbre os restantes.

A última engloba parques, todas as linhas vitais de larga comunicação, ambulâncias, pontes, passagens e os locais de supostas reservas — e é batida pelos grandes calibres. E estas zonas são tão distintas ao ouvido de combatentes antigos — como três côres diferentes à vista da gente.

E estas três zonas estendem-se ao longo do sector; prá direita por: *Ferme de Bois, Lacouture*, até *Béthune*. Prá esquerda: *Chapigny, Laventie, Fleurbaix*, talvez mais ainda. E o bombardeamento é tão poderoso que parece só feito por êles — que não temos defesa!

É preciso escutar bem para ouvir como se fosse a 20 quilómetros a nossa artilharia que está ali — entre aquelas árvores estroncadas a 500 metros de nós!

Converso com o meu camarada.

O camarada inglês chega — trocam-se *shake-hands*, — e diz-nos aos dois oficiais que comandam a companhia, misturando segundo o seu costume o inglês e o francês:

— *All right! What a bombardement!*

— *Moi n'ai jamais seen such a thing! not even in Somme!*

— *Yes!*

E faz atirar as suas *pesadas*, que vão magnificamente.

Os dois oficiais de companhia discutíamos a situação.

Ficamos d'acordo. — E fumam-se cigarros Bastos, belgas e bons.

Sabíamos que em caso d'ataque devíamos ocupar o reducto que corta a estrada que de *Riez-Bailleul* conduz a *Pont du Hem*.

O nevoeiro é cerrado, muito denso, infame. A gente vê os seus soldados sómente à luz sinistra das explosões.

O bombardeamento é tão grande que enche a planície imensa e dá a impressão de se estar dando entre quatro paredes!

Há pensos que se desenrolam e homens que partem, os uniformes enlameados, espingardas como rocas.

São 4,30. *Riez-Bailleul* arde.

Chamas altas torcidas num nevoeiro de água e de fumo.

O bombardeamento intensifica-se e à luz rubra das explosões, junta-se o flambar sinistro de algumas centenas de casas ardendo.

Resolvemos ocupar o reducto — são 200 metros de marcha.

E era belo, vêr deslocar a companhia, cada qual nos seus lugares, sob a chuva enervante do ferro — à luz enorme duma aldeia ardendo!

Ouço ainda os soldados, gritarem-se uns aos outros, os seus nomes, os seus números:

—Eh! Menaita!—Eh cem velho!

—Eh 214!

—Eh, vinde!

Marcha ao meu lado um soldadão o «Álvaro grande»—e não me esquece o olhar de alegria quando o estilhaço que zumbiu presago batendo o meu ombro—se viu que era frio e não passava de uma pedrada de garoto. E o Álvaro tem uma injúria enorme para o *boche*!

Eram 200 metros, para muitos não foram tantos!

Passamos os dois tenentes revista à companhia—Os homens ocupam os lugares, que ocuparam já tantas vezes em noites de sobressalto e desconfiança.

O *ponto de apoio* é quási rectilíneo.—Grandes elementos de tiro, mal travesado, mal revestido, dois pés d'água e três abrigos para metralhadora, um em beton e dois em madeira—na frente cortinas d'arame farpado.

São cinco horas.

No entrincheiramento o gás é mais denso que no terreno livre—é preciso a máscara. O abrigo de beton destinámo-lo aos feridos.

E agora não há nada a fazer senão esperar o

inimigo.— Quando virá? Virá? Atacará com infantaria?

—Será hoje?

—Será só à noite, e são cinco da manhã?

Eis o que é desesperado nesta Guerra.

Tempo feliz em que se combatia, numa tarde de sol, uniformes reluzentes, durante umas horas e até às vezes minutos!

—Pois bem—esperemos o *boche*!

O bom Wallery continua o seu tiro.

A nossa artilharia não esmorece e a aldeia continua ardendo, recortando chamas de mil formas no nevoeiro infame.

Acredito que o incêndio bate no monóculo de Fritz que nos ataca—porque o bombardeamento aumenta seguidamente.

Sento-me a fumar e no meu cérebro jogam-se todas as hipóteses tácticas.

O nosso terreno é infeliz!

Ao longo de quási todo o sector a gente vê a linha de Hindenburgo, como o primeiro andar duma rua—somos comandados pelo terreno.

A defesa é difícil.

Ontem mesmo percorrendo os pontos de apoio à rectaguarda da 3.^a linha—não vi uma metralhadora!

E as tropas estão cansadas de tanto tempo seguido de frente!

Tenho uma impaciência enorme por vêr ama-

nhecer—tentarei ligações para a rectaguarda e para a frente.

—Levanto-me e passeio ao longo do entrincheiramento.

As granadas vão-no cortando como estas tiras de papeis que se vêem nos armários e tenho uma tristeza profunda ao reparar que, por um destes golpes, a casa-abrigo, onde o velho relógio holandês arrastava as cadeias metálicas—não existe! São as minhas recordações que se calcinaram!

Cartas que a gente lê muitas vezes, o retrato da minha mãe e cinco violetas velhinhas. Tenho tanta pena disto como dum soldado.

Recolho-me nas minhas saudades e esqueço tudo quanto se está passando. Um soldado que conversa muito alto encomoda-me a ponto de lhe gritar:

—Fala baixo!

E estou a vêr a cara de surpresa do bom rapaz por o mandarem calar no meio do barulho mais infernal, e onde êle mal se ouvia!

*

*

*

São 8 horas.

Amanheceu já por completo—mas de que serve, se não se vê nada a 10 metros de distância?

As zonas de bombardeamento que descrevi — deslocam-se como um sistema — prá recta-guarda.

Estou isolado do mundo inteiro — vejo à minha direita três soldados, à minha esquerda três outros, que guarnecem êste elemento de tiro — e combate-se certamente numa frente de mais de seis léguas!

E cá estamos à espera do *boche*.

Faço evacuar todos os *feridos d'asa*, que podem portanto andar.

O gás faz também baixas. Faço levantar os mortos sôbre o paradorso para os não vêr na água lodosa da trincheira que, oscilando, os mostra e esconde.

Procura-me um soldado; conheço-o, é o *Lisboa* — pediu-me há dias para ser padrinho do seu casamento com uma belga que namora — e a quem deve vinte dias de prisão por fugir das linhas para a vêr.

— São oito horas, meu tenente, diz o rapaz.

— São... já passa, respondo-lhe eu.

— Pois meu tenente, estive cá a fazer a conta, em 4 horas, a andar bem, já estava agora em *Audinctun*, ao pé da belga, já se sabe!

Ri-me com agrado, do sangue-frio e do des-caramento.

Na verdade, não sei como se mantem homens esperando um ataque horas seguidas sob um bombardeamento horrível e sem darem um tiro.

Um dos soldados mostra-me como curiosidade de tiro um pedaço de *Decauville* que vôa no ar como um papagaio.

Quási ao cabo do entrincheiramento onde êle corta a estrada, encontro amontoado o que restava das guarnições inglesas das peças pesadas.

Vejo pelas expressões com que me recebem um grande contentamento.

É nestas ocasiões que um oficial pode comandar soldados de nacionalidade diferente da sua.

Um dos soldados *Kaki* come tranqüilamente um pedaço de casqueiro.

Daqui vêem-se montados nas suas plataformas altas, a güela muda, os dois canhões enormes ingleses.

Faço sinal da minha estranheza por não vêr trabalhar as peças. Um cabo explica-me:

— *Sir! Finisch munitton, finisch canon, compri?*

— *Officier?* Pregunto-lhe eu, com um certo cuidado no risonho inglês que me apagava a luz.

— *Sir, Officier no finisch.*

E mostra-me, subindo à banquetta, o seu oficial junto das peças.

Marchamos um para outro — notei que tinha perdido a célebre fleugma. Falava nervoso, gesticulando muito. «Não fazia fogo, embora ti-

vesse algumas munições a 200 metros dali, por lhe terem destruído as vagonetas e o *Decauville*.

Penso então que os meus homens cáem inutilmente, esperando o *boche*, reductados. É mais útil que cáiam trabalhando. E fiz transportar as pesadíssimas granadas, que ainda existiam, pelos meus soldados.

Que trabalho tão arriscado como inglório!

Sabem o que é marchar a passo d'anjo com uma granada em charola sob um fôgo diabólico?

Que os meus soldados me perdoem, sobretudo os que ficaram debruçados sôbre elas. Não t'esqueço *100 velho*, vejo o teu rosário de contas brancas sôbre o peito escuro que tinhas desabotoado, o braço ainda estendido sôbre a marmitta de 22!

Wallery amigo fica radiante, volta-lhe a tranquilidade—o seu riso largo.

O bombardeamento mantêm-se com uma violência inalterável. O incêndio da aldeia continua em brasidos e fumo.

O bombardeamento faz destruições enormes—e seria curioso vêr como obriga o cenário a mudar-se: a gente olha e vê uma dada fisionomia da paisagem—dá uma volta—visita um dos abrigos de beton, onde tem uma dezena de feridos e onde se anda como um badalo num sino, acaba a sua revista e torna a olhar: o muro

triangular que viu tombou, as duas árvores sumiram-se... é diferente!

Vai para as 10 horas.

O bater da nossa artilharia diminui, espaga-se, apaga-se.

O meu camarada inglês dá o último tiro. Grita-me numa galanteria pelo reconhecimento de lhe ter dado as munições, — levantando a mão em ar de taça: *for Portugal!*

—*Thank you!* respondi eu comovido.

Não quiere deixar as suas peças — e eu volto só ao meu entrincheiramento.

Feitas as contas, a Companhia vai em mais de meio!

E não dei um tiro! Não vi o inimigo!

À tarde — eu terei uma companhia gasta, sem fazer nada!

É aqui o nosso lugar de espera — esperemos. E mesmo mortos, o entrincheiramento estará guarnecido, os homens nos seus lugares. É o nosso dever.

Sinto correr um suor frio pelo corpo. Eu sei que ninguém recuará — todos se batem.

Onze horas. Não ouço a nossa artilharia há muito. O sistema de bombardeamento das três zonas que descrevi, recua.

O meu entrincheiramento é batido com artilharia ligeira. E isto quiere dizer que as nossas linhas devem estar a contas com os alemães.

O poder combativo da companhia diminui grandemente.

Chegam soldados que me dão informações variadas, contraditórias.

Ouço-os, penso, conjecturo.

Chega por fim um oficial—é um alferes d'infantaria, inteligente e calmo. Informa-me: Estava na 1.^a linha; os ataques frontais foram todos detidos, todos! Quási não havia baixas na sua gente. Estávamos radiantes—e eis que os começamos a vêr aparecer da nossa esquerda, cordas deles! Você vai vêr—até formações cerradas.

Espalham-se nas nossas trincheiras e surpreendem muitos postos. Trocam o *casque* pelo dos nossos mortos. Fazem surpresas. Farda cinzenta e o nosso *casque*—não se deixe enganar tenente, êste carujo...

—Entraram por *Fleurbaix*—conhece?

—Conheço.

Lembro-me dêste sector—aberto como uma cesta—a defesa feita só por metralhadoras—uma única linha de resistência séria.

Eu nem sequer faço uma objecção. Acredito.

Agora sabemos que o *boche* há-de chegar. E, debruçados sôbre o parapeito, o resto dos meus homens olha a Flandres nevoenta e sombria. Aprofundamos os olhos no caramujeiro baixo, húmido e tôrpe.

—Não é uma manhã de batalha!

—Não é uma manhã de batalha, sobretudo para portugueses!

Os brasidos do incêndio fazem do nevoeiro uma cinza enrubescida por ali fóra.

Na estrada vai a galope uma carreta de munições.

—Um herói!—aponto aos meus soldados. E é. Os que combatem com armas—bem, mas um condutor que sentado na boleia marcha ao galope das suas muares, sob tal bombardeamento, é belo! E depois deve saber que não chega à posição. Ah! de facto uma *pesada* faz desaparecer, num montão de cisco, condutor, armão, muares!

Cumpria o seu dever.

O dever acaba na morte. Deve-se morrer bem.

A nossa vida nunca é nossa.

Reparamos na Flandres de drenos profundos e lodosos, na Flandres das batalhas.

É aqui que vivemos há perto dum ano! Os meus soldados já perderam dos olhos a côr que traziam!

E da campina infinita veem só ondas de metralha, o rolar monstruoso dos aços que se pulverizam, o estrondear das güelas brancas do canhão! E como novidade, ouve-se bem o ranger das metralhadoras. É mais um comparsa.

O incêndio põe bandas avermelhadas no horizonte. Há soldados que passam, que andam, que ficam onde o destino quiere.

Não tenho cigarros; é bôa, fumei dois maços de vinte cigarros?

Peço aos soldados; fumaram os seus. Um deles vai pedir a um inglês.

— *Cigarrete, souvenir, pra officier.*

E lá me trouxe os cigarros.

É meio dia.

As metralhadoras são mais nítidas, fazem caudal. Os alemães não se vêem. O gás enegrece os que morreram primeiro, e nós continuamos olhando a Flandres sinistra e doce—dos vitrais e dos sinos.

Ouvem-se gritos desesperados—que é? — os que morrem não gritam—há o suspiro derradeiro que se entende sempre por maiores que sejam as explosões, mas gritar assim?

—Que tristeza! É o oficial inglês, todo roto e desfivelado, em cabelo, a cruz de madeira que arrancou da morada dum irmão d'armas, numa das mãos, e que salta de travês em travês, de dreno em dreno! Grito-lhe, não me conhece. Continua vozeando, aos saltos, para o lado da frente.

Deve ter endoidecido.

Os meus olhos compassivos acompanharam-no até o vêr sumir dum salto num dreno largo de água lodosa e verde...

Pobre rapaz, não poderás jámais apagar-me a luz com o teu canhão... e eu talvez a não volte também a acender...

Reparamos todos na planície cheia de fragôr,
imensa, nevoenta.

*

* *

Entre a nevoagem e as árvores adivinhamos
o inimigo.

É 1 hora.

O sistema de bombardeamento alemão continua impecável, correcto, absoluto. — Desloca-se como se tivesse um rodado. E vejo-o passar o meu entrincheiramento.

Não somos portanto bombardeados — é lá para a rectaguarda — e o *boche* ainda se não vê.

Póde sossegar-se. Na guerra moderna, antes do ataque, há êste compasso d'espera.

Podemos fazer o que quisermos.

As metralhadoras batem-nos incessantemente rasando o entrincheiramento desmantelado. Escolhe-se um elemento ainda bom e espera-se.

Tristemente verifico que a minha resistência será pequena. Da Companhia inteira eu tenho umas trinta espingardas! Sei que não temos homens nossos prá minha rectaguarda. Será o fim do fim.

E então despede-se a gente.

Os soldados estão todos pálidos e não admi-

ra: oito horas de bombardeamento, e muito gás. Outros teem um ar recolhido e solene, o rosto caído sôbre as culatras das espingardas que seguram nas duas mãos—estão vendo as suas aldeias, as fontes, as namoradas e as mães... decerto...

Não lhes deve custar a morrer—ficamos nesta água lodosa, nesta lama—onde já temos os nossos.

Cumprimos o nosso dever, e as orações de Portugal inteiro, de centenares de gerações, pelos séculos além—virão em romagem para nos levarem ao campo sereno onde vivem os santos e os heróis.

Sinto as lágrimas da minha mãe e de todos os meus. Vão chorar-me.

Na minha alma andam perdões e despedidas. Adeus!

No peito sinto, como um carinho, um fio de prata que trago comigo—e fico para me ligar ao mundo com um nome na bôca. E misteriosamente eu vejo que levamos para o outro a mesma alma; só deixamos o que é mesquinho e pequeno.

Acorda-me um soldado que me diz:

—Meu tenente, o *boche*!

—De facto—da minha esquerda, de Laventie, a 500 metros do meu entrincheiramento, vemos entre o nevoeiro a linha flexuosa da infantaria inimiga. O alemão vem hesitante como nunca o vi.

Dá-me um desespero grande — lembrar-me que não temos reservas!

Com outros 20:000 homens elles voltariam de novo à sua linha!

Não se aproximam — organizam-se.

E nós que temos de fazer com meia dúzia d'espingardas contra uma linha cada minuto mais densa, mais longa, que vai do extremo norte de *Riez-Bailleul* — até ao *Grande Chemin*!

— Fôgo!

*

* *

E do meu entrincheiramento sai um leque de tiro. Eu reparo na linha d'infantaria inimiga que ondula entre o nevoeiro, na Flandres das saudades.

Vai para as duas horas. O inimigo está próximo do entrincheiramento, o meu fôgo continua. Metralhadoras inimigas colocadas na estrada que de *Riez-Bailleul* conduz a *Pont du Hem* — batem impiedosamente a guarnição do meu entrincheiramento. E mais à rectaguarda marcham fôrças em ordem unida.

— Fôgo!

A minha rectaguarda quebra-se num fragôr d'oceano a onda de metralha. Meu irmão, que

me lembra tantas vezes — está lá — que Deus o proteja.

O tiro do inimigo afigura-se-me desigual e receioso

As metralhadoras varejam bem.

Reparo debruçado no parapeito, a olhar o nevoeiro sinistro da Flandres.

Sinto tropel na trincheira. Uniformes ingleses. É uma força que chega. O comandante é oficial de metralhadoras; traz cinco metralhadoras. Ajudo-o a tomar posições — informo-o do decorrer da batalha. Tenho a alegria de me vêr ajudado.

— Vamos demorá-los ainda algumas horas.

O inglês diz-me no seu francês.

— *Camarade beaucoup fatigué — parti tout suite!*

E embora eu queira ficar, obriga-me a partir com o resto dos meus homens. Estendo a minha mão a apertar a mão fria do meu vizinho de peito esburacado para lhe dar a êles, aos mortos, o meu adeus.

De longe, já atravessando a barragem — vejo o inglês ainda recuar as suas metralhadoras.

No caminho só vejo destroços da batalha.

Tenho alegria de encontrar o meu irmão que me diz — «estava à tua espera».

*

*

*

É meia-noite. Estou em *Huleron*.

Os altos fornos d'*Isbergues* põem no céu flôres abertas e enormes de chama. Semelham grandes magnólias de lume. Doe-me o peito dolorosamente. E passei toda a noite, sem dormir, vendo a batalha que findára.

Boulogne, Abril de 918.

O METRALHADOR

A BATALHA seguia a sua marcha normal — inflexível, violenta, poderosa. Vagas d'assalto precedidas de vagas de metralha. Cortinas de fogo, d'estilhaços, rubras, estrondosas e contínuas. Duas linhas de baionetas duras e escurecidas. Um modelo da escola alemã, de combate.

As rajadas das metralhadoras assobiam.

No reducto de *Pont du Hem Post*, estão destacados sete homens e uma metralhadora.

É um pôsto importante — o *Pont du Hem Post*.

Defende a passagem do *Grand Chemin*, como os franceses chamam à estrada de *La Bassée* e a rua *Halibury*.

É isolado de todo o apoio. O pôsto é construído em cruz, bem travesado, bem revestido. Em frente tem uma sebe espinhosa e alta que mascara muito bem êste entrincheiramento.

É defendido por *cavalos de frisa* de madeiras grossas — que lembram aracnídeos enormes e diabólicos.

A guarnição perdeu dois homens até chegar ao *posto*.

O seu oficial acompanhou-os e eles viram o seu desespero, ao avaliar como era pobre, quasi louca, a defesa dum reducto tão importante.

Que havia de fazer, se não havia mais?

Ele bem calculava friamente sobre a carta aberta em cima dos joelhos, riscando números com o lápis, monologando...

— Duas guarnições para o *Charter House Post*, duas para o saliente ao pé dos obuzes, uma para o *Halibury Post*... não chegava a nada!

Para o *Pont du Hem Post* simplesmente, toda a sua tropa não seria muita.

Os cinco homens recebem ordem de esperar e quando o *boche* chegar batê-lo.

E então eles esperam.

O metralhador espera, fica sempre.

Póde a infantaria refluir como as ressacas, que o metralhador fica.

Póde a artilharia, fundidas as culatras, atrelar e rasgar a barragem inimiga, numa galopada — mas o metralhador ficará.

E os cinco homens esperam.

As granadas caem às mil sobre todo o campo de batalha.

E o gás dá cheiro a mostarda e a maçã que

irrita. A batalha moderna usa o seu perfume na *toilette*.

Quando um parapeito do *Pont du Hem* é destruído, a guarnição desloca-se à procura doutro melhor. A guarnição é pequena e o reducto é enorme; podem escolher.

Lá vai outro parapeito que se esfacela ao tombar duma *pesada*, como um monte de areia com um pontapé!

E os cinco homens passam duas horas marchando ora para a direita, ora para a esquerda — conforme o fôgo *boche* queria.

O reducto amachuca-se, as escarpas unem-se como folhas de papel, os revestimentos partem-se e os sacos de terra extirpados esvaziam-se.

E por fim chega o momento em que o entrincheiramento é tão destruído que quási rasa o terreno.

Onde havia uma *banqueta*, abre-se um coveirão e a *magistral* é plana como toda a Flandres.

E os cinco homens reconhecendo a inutilidade das mudanças sentam-se o melhor que podem — a metralhadora deitada.

É indiferente procurar espaços mais seguros — são portanto bons todos os lugares.

E o melhor é pensar como me ensinou o oficial de ligação francês, no sector de Cambrai.

— *C'est la guerre*, dizia, *je suis toujours bien, je me croit mort d'avance, et après tout ce qui vient*

c'est un plaisir, mon cher portugais, et pas de surprise, pas de surprise!

Realmente o melhor é acreditar-se morto e tudo o que vier é lucro.

O mais alto dos homens da guarnição cai, as últimas palavras roídas como o peito no horror dum estilhaço escuro de morteiro.

E outros amparam-no num carinho, envolvendo-o nas suas mãos, nos seus olhares.

Põem um saco de terra sob a cabeça do ferido, ageitam-lhe a carne que se esfrangalhára e continuam esperando.

Um dos quatro comenta sorrindo êste episódio já longínquo.

—Antes um de nós que cá a *mademoiselle!*

E passa a mão escura à roda do tambor d'aço, acariciando a sua metralhadora.

Esperam—olhando o lado donde virá o inimigo.

Como é longo!

Teem um sobressalto d'alegria.

Além, ao fundo da estrada larga, vê-se uma linha cinzenta.

—São *êles!*

Afirmam-se e o apontador tem um gesto de desânimo.—É a nossa infantaria que reflui como um ramo levado numa torrente.

O bombardeamento continua, e no *Grand Chemin*, balisado de cadáveres portugueses tom-

bados em todas as atitudes, devem juntar-se os do *boche*.

E na rectaguarda, *Riez-Bailleul* ardendo e *Laventie* fazem um crescente avermelhado no nevoeiro denso.

E os metralhadores esperam.

As horas passam no nevoeiro, na chama, no troar gigante da batalha — e a guarnição diminui.

Teem por fim uma alegria: ouve-se distintamente o *glugluglu* da metralhadora *boche*.

Êles conhecem êste som mate, cheios de o ouvirem todos os dias, todas as noites, todas as horas, há mais dum ano!

Se ouvem as metralhadoras — é que o alemão chegou.

E apertando o ouvido, o *apontador* sorri-se, decerto a lembrar-se da brincadeira das linhas em noites serenas. Como era metralhador hábil e calhado, sabia compassar a tiro a *caninha verde* na sua metralhadora como num piano. Também havia ingleses que davam o compasso do *Cake-Walk*. E de lá os *boches* também tinham o seu fandango! Bons tempos!

O metralhador lembra-se decerto desta espécie de cortesia nas noites tranqüilas — porque diz ao vizinho único que lhe resta:

— Agora vamos nós cantar!

E os dois entram a montar a metralhadora. Escondem a manga escura e longa do cano, dis-

põem os tambores e juntam em monte os cartuchos dos *cunhetes*.

O apontador com a face encostada à fecharia lança a sua vista de lince sôbre a estrada de *La Bassée*.

Quando uma granada rebenta perto, jogando-lhe terra sôbre os aços da sua metralhadora, êle inclina-se a soprar esta terra como a gente faz à areia de secar sôbre uma folha escripta, e escova mais passando ainda a manga do jaleco...

Quando o meio dia passava já, depois de tanta hora! — começa o metralhador a distinguir uma sombra cinzenta que vem avolumando-se.

Por fim vê-se bem uma companhia alemã marchando de costado por quatro, como num dia de manobra.

O apontador tem uma alegria infinita, diz seja o que fôr para os seus camaradas mortos e preme sob os polegares os botões serrilhados...

Uma rajada d'aço partiu, cortando como um gume, as balas tecidas, unidas e seguidas como a missanga dum bordado gentio... e a companhia alemã tombou como se a estrada se abrisse.

O metralhador, louco d'alegria, o sangue frio perdido, gritando imprecações ao *boche*, mete successivamente os seus tambores, e a metralhadora borda desenhos de morte, as balas bastas como missanga.

E agora é a sua vez de esperar, êle, o inimigo!
A infantaria alemã abre em atiradores.

O tempo passa e os tambores da metralhadora rolam as suas caneluras cheias de cartuchos.

O metralhador—o capacete na nuca, os olhos de lince, a mão lesta—vareja toda a estrada, procurando com as pontarias, desenhando à bala como se desenha com um lápis.

As munições fundem, os tambores começam a parar na metralhadora escaldada e fumegante.

A linha alemã avança rápida.

O metralhador não tem mais cartuchos nem mais camaradas.

Está só, a *mademoiselle* d'aço muda entre a terra, os tambores sem cartuchos nas caneluras!

Passa a mão a sacudir o suor que goteja sempre da fronte. Da rectaguarda os incêndios põem baforadas de calor na frieza do nevoeiro.

E o apontador não vê, nem ouve o oficial alemão que lhe diz cada vez mais forte, indicando com o braço, o caminho d'Alemanha:

—*Nach Aubers! Nach Aubers— compri!*

La Belle Hortense (Nieppe). Maio de 1918.

S. O. S.

VINHA das linhas, abotoada a pele felpuda de cabra, arrastando as pesadas e incômodas botas de borracha—pensando no almoço. Oxalá que o Manuel tenha arranjado alguma coisa que se possa comer, pensava eu esfomeado. O mêdo acho que faz mais fome que a miséria.

Já na estrada—fóra do labirinto dos entrincheiramentos, encontro a ordenança duma unidade d'artilharia com um cesto enorme cheio de galinhas.

—Ó rapaz! lá no *mess* os senhores oficiais tratam-se bem?

—Lá isso tratam, mandaram-me hoje às *poules*.

Não pensei mais no soldado, nem tão pouco reparei a que unidade pertencia.

Pela tarde procuram-me no acampamento.

Quem era? um soldado.

—Diga lá o amigo o que quer?

—Eu sou o soldado, explica êste, que levava as pitas de manhã e vai então não se comeram...

—Porquê, rapaz? interrompi intrigado.

—Quando o meu tenente me deixou, contei aos senhores oficiais o que me disse.

Passado um migalho — parece que foi de propósito! — umas granadas esmigalharam as pitas. Não se pôde aproveitar mesmo nada — rematou o soldado contristado.

—Tem piada! E os teus oficiais o que comeram?

—Arranjou-se alguma coisinha, mas ficaram mal... disseram-me que viesse contar ao meu tenente.

Nem eu sabia quem eram os oficiais, nem êles quem eu era.

Disse à ordenança que fizesse muitos cumprimentos aos senhores oficiais e que tinha muita pena da sua desgraça.

Ao outro dia recebo pela mão do mesmo soldado um convite para jantar. Vinha feito num pedaço de cartão, decerto cortado dalgum cromo ou calendário — pois tinha uma vinheta a côres de costumes minhotos. Trazia êstes dizeres:

«O camarada da rija infantaria que invejou as nossas galinhãs, é convidado pela 1.^a B. do Z. a jantar com a dita.

P. S. — Não há *corned beef* nem camuflado.»

O rapaz guiou-me e anoitecia já quando cheguei ao *mess*. Fiquei contentíssimo. O comandante da bateria era um amigo dos velhos — e velho condiscípulo. Jantámos.

Os que fazem a guerra é raro falarem dela. Lá se conta uma história, ou outra. O *mess* era esplendido. Tinha inumeráveis gravuras — herança dos *bifes*. Um bom fogão, bom *wisky* e um gramofone. Fizeram-se *blagues* sôbre a morte, sôbre a saudade, sôbre as francesas. O oficial de serviço à posição informou «que hoje não haveria pouca vergonha, que o *boche* batia a sua *sonéca*».

E muitas horas decorreram tranqüilas. Depois fomos vêr as posições. Era uma delicadeza que me faziam. A infantaria recebe na primeira linha aos que teem a afabilidade raríssima de a visitarem. Artilharia recebe nas posições os mesmos visitantes.

Os *very-lights* desciam a sua luz grande e lua-

renta—e as peças mudas repousavam o aço escuro e pontual.

Uma tinha um docel, um *rideau*, como um leito, de camuflagem verde. E o *boche*, disse o comandante, há mais dum mês que a procura e não a encontra! Pensa que está ali em baixo, apontou êle, naquela ruína e todos os dias lhe damos cabo da paciência!

Outra está dentro dum *elefante*, a bôca aberta, a pontaria feita, a culatra fechada sôbre a granada.

Outra mascarada num caramanchão. Chamamos a esta peça «a ferida». Perdeu um naco outro dia—mas atira lindamente.

Outra peça ainda é «a vadia». Não tem boleto, informa o capitão, dorme onde calha e tanto faz fôgo daqui como doutro lado qualquer;—é para enervar o alemão, remata sorrindo o oficial.

*

* *

Nas linhas levantou-se um vendaval de fôgo, todo alemão. A morteirada ronca pavorosa, abanando a terra centenas e centenas de metros e as metralhadoras estralejam endemoïnhas.

— Isto incomoda mais a artilharia do que quando as granadas veem sôbre nós. É que sabemos que a infantaria sem arredar um pé, sem ter defesa, espera impassível! diz o meu irmão artilheiro.

— Tu vês, continua o oficial, tu vês aquele fogo todo sôbre as trincheiras; incomoda-nos a nós.

O vendaval continua — e o oficial que comanda a linha, deita entre os *very-lights* de luz luarenta — um rubro como uma grande gota de sangue.

E um tiro d'artilharia partiu. E depois muitos, muitos.

— Tu sabes, digo eu ao meu camarada, que a infantaria tem uma outra alma — quando as vossas granadas passam dais-nos uma alegria enorme — e rimos ao ouvir o *boche* mugir e gritar. Quando a vossa arma começa a lançar fogo a contrapor ao fogo deles — êles diminuem e até se calam às vezes!

Devias fazer um S. O. S., estando lá para veres o mais humilde dos soldados dizer quando vocês começam:

— Lá está a nossa artilharia! — E isto dito com admiração e com carinho.

O fogo do meu camarada continua histérico, violento.

O *boche* diminui na linha — mas começa a bater pelo largo. E as granadas cáem sôbre as po-

sições. Os soldados teem os abrigos ali à mão — mas a infantaria lançou S. O. S. — não abandonam as peças — continuam ainda mais vivo o fogo começado.

O meu camarada pacificamente passa junto das guarnições, percorrendo-as a todas e dando o seu comando e a sua *blague*, quando alguma granada cai mais perto.

Na linha ouve-se fusilaria.

Devia ser ataque alemão — e a bateria célere, impiedosa, remexe como uma panela a *Terra de Ninguém*.

Agora vou barrar-lhe a entrada, diz rindo o comandante — e a bateria alonga o tiro a fazer uma cortina na 1.^a linha *boche*.

Chamam do telefone do *mess*.

— Que é?

O comandante aponta-me o auscultador.

— *Alô! Alô.*

— *Alô.* — Está tudo de saudinha?

— *Oui!* Acaba com isso que falta parceiro pró *bridge*.

— Não teem parceiro para o *bridge*, digo ao capitão.

— Vamos já, respondeu êle.

O fogo continua — de cá e de lá — uma granada fere um homem levemente.

— Isso não é nada, rapaz: — *souvenir de boche!* — diz o oficial.

O fogo alemão diminui gradualmente e passada meia hora estávamos à mesa do *bridge*—os *very-lights* espalhando a sua luz branca e lúgubre.

Pont du Hem, Dezembro de 1917.

AMBULÂNCIA

TINHA o hábito de ir vêr os meus feridos à ambulância — embora me custasse devêras.

Mas êles ficavam tão alegres, melhorava-os tanto, que lhes dava de bom grado o meu sacrificio.

O official de linha não se habitua ao sangue como os médicos. Duma das vezes fui lá pela noite alta. Estava tudo tranqüilo, ambulância vazia. Os leitos vazios e as macas alinhadas esperavam. É impressionante êste ar de entreposto da morte que teem as ambulâncias. As macas vazias lembram mais os feridos, que os projecteis caindo. A lona desce batida no desenho do corpo, e pelas guardas fóra a gente vê as mãos que se crispam na agonia. E teem sempre ou manchas de sangue, ou manchas húmidas da água que as lavou. E quando a gente

não tem outro colchão, deita-se num instrumento assim e dorme-se muito bem. Os médicos conversavam em volta do fogão, de aventuras, de mulheres, de medicina. Um tinha sido meu companheiro de tenda em Tancos, outro companheiro de viagem a bordo, os outros todos amigos. Quem mais considera o combatente é o médico. Êle vê os destroços da guerra, os peitos que se somem com um mês de linhas, os corações que se rasgam como papel em duas horas de bombardeamento, e conhecem a coreografia sinistra de S. Ex.^a o estilhaço.

Tomamos todos café, eu fiquei bem disposto por o meu ferido ter sido salvo e ter descido até ao hospital. O meu companheiro de bordo — um operador distintíssimo — larga velas ao seu riso habitual:

—Hoje vamos dormir como a cem léguas da frente, como dorme toda a gente, an?

Exclamava assim o médico.

—O *boche* hoje estava delicado, adamado como o vinho malvasia.

Passaram-se mais uns minutos e a casa começa a estremecer — da linha vinha o clarão do bombardeamento e o roncar fatídico dos morteiros.

Um dos médicos mete tranqüilamente a mão na algibeira, procura o relógio e informa:—são três horas, daqui a vinte minutos temos trabalho!

O que estava de serviço, prepara-se e fica encostado à mesa de operações exactamente como um soldado ao parapeito. Esperam. Todos nos seus lugares.

O médico não se enganára, aos vinte minutos chegava o primeiro automóvel. Íamos em fins de Dezembro, nevada, chuva, lama e um frio grande. Os feridos veem todos molhados, enodoados de sangue e de lama. Os enfermeiros teem muito trabalho, primeiro a desenrolá-los das mantas, depois a despir-lhes as fardas. Por fim a gente viu as musculaturas lassas, os olhos amortecidos de dôr, e as tatuagens profundas da metralha. É aqui o lugar sinistro da guerra.

O homem que cai na linha lembra um segundo—ali é um horror.

Lembra-me êste dito de Campoamor:

*Ni toda la gloria militar del mundo
Vale ni la vida dum ranchero.*

O que me fere mais a vista é um rapagão, de corpo atlético, côr bronzada, no peito felpudo umas medalhas perdidas prêsas a um fio que contorna o pescoço.

O médico despeja desinfectantes a fumegar sôbre uma fonte aberta desde a axila até quási ao fim das costelas. O sangue borbulha como se alguém o soprasse do lado de dentro. As gazes

enodoam-se rápidamente de vermelho e afundam-se por fim. O soldado tem os olhos cerrados, a testa brunida de suor e uma palidez que se espalha como um luar de morte sôbre o rosto inteiro.

A chuva bate mais forte, a artilharia inimiga irrompe intempestiva e danada.

O rapagão parece avivar, entreabre os olhos, estende as mãos esquálidas e escuras sôbre a manga branca do médico que o opera. As mãos, estendidas amarfanharam o linho da manga a querer segurar o braço ágil

—Ai senhor doutor salve-me.

As compressas enodoam-se, afundam-se, há-as que sobem e deslizam pelas dorsais. O médico encara-me, vejo-lhe nos olhos uma lágrima indecisa, olha-me e levanta os ombros com tristeza.

Depois vem outro, o médico talha na carne, está sorridente, e ao pregar os *agrafes* assobia entre dentes.

O bombardeamento continua, o quarto ou quinto ferido está a ser operado—uma granada cai a algumas dezenas de metros, e o médico impassível continua a operar.

Ter sangue frio para tomar dispositivos num combate, vá—mas sangue frio para sob um bombardeamento levar um bisturi sem êrro!

Começa a entrar a claridade da manhã, o bombardeamento amainou, ouve-se um ou outro gemido.

— Salvaram-se quási -todos, diz-me o médico.

Sentamo-nos de novo ao fogão e o operador continuou :

— Os oficiais não gostam de ambulâncias, naturalmente lá na linha são soldados que lhes cáem — e aqui é muito diferente — são homens!

HISTÓRIA DE AMÔR

REORGANISAVAM-SE as fôrças à rectaguarda depois do dia 9. Nas aldeias onde se acantonaram as unidades, recolhiam, como dos naufrágios, o que a onda *boche* em maré alta — arremessava sôbre a Flandres.

As tropas viviam horas indizíveis de amargura.

Os soldados contavam-se as suas aventuras, davam-se contas dos que caíram para nunca mais se erguerem e escreviam para Portugal a dizerem que estavam bons, que tudo ia bem.

E nós os oficiais sabíamos que o *boche* atacava sempre e que era preciso voltar à *frente* rápidamente.

Uma Companhia, das que nesse dia tiveram a infelicidade de estar mais à rectaguarda ia quási pronta a partir.

Mais uns agasalhos, umas máscaras de anti-

-gás e a companhia seguiria. Os oficiais desta companhia acantonaram numa grande casa de lavrador.

Entrava-se na *maison* por uma grande porta e dava na vista a chama sempre acêsa no lar de pedra. Sôbre as paredes espalhavam-se os utensílios de metal amarelo, muito brilhantes. Nos rebordos do lambril os copos das granadas que os soldados da casa traziam quando vinham de *perm.*

A dona da casa, a touca de renda muito ageitada sôbre o cabelo branco, mexia-se na sua lide.

— *Ó MM. les officiers*, dizia ao recebê-los, toda sorridente, dispondo cadeiras à roda do lume—que estivessem à vontade, que vinhamos muito fatigados, quo o seu marido lhe lêra nos jornais que éramos valentes como franceses, parecíamos gente deles.

Os oficiais tomavam lugar dizendo para agradecer à velhota:

— *Ah! merci! madame, merci!*

Depois a velhota continuava loquaz: — que a guerra era longa, muito longa! que tinha lá três filhos...

Os oficiais conversavam e o que melhor disposição tinha ficou entretido com a velhota.

Lá fóra, pelas janelas, via-se a neve cair, aos flocos, continuamente.

E a luz da chama, duma rica fogueira, alu-

miava rostos vincados de rugas da véspera, fardas estragadas nas trincheiras, e olhos doloridos e profundos.

Alegre—era a chama e a touca da velhota.

Serviram-nos cidra com o inevitável *à votre santé*.

—*Á la votre!*

Depois vieram as raparigas da casa. Entre elas havia uma de olhar dôce e claro, uma auréola de caracois em tórno da testa d'orelha a orelha.

Sentou-se e olhou demoradamente os oficiais como se quisesse adivinhar o íntimo de cada um.

Depois conversou naturalmente contando que gostava muito de ter portugueses em sua casa, que eram afáveis e muito delicados. Que tiravam o barrete, quando entravam na *maison*, que beijavam as crianças, e que davam no *petit feu* o lugar aos idosos; os ingleses êsses... E a francesa fazia a mímica duma pessoa orgulhosa, inacessível... para rematar com um *jamais* sêco e desprezível.

E depois preguntava a êste, àquele, coisas de Portugal.

—Como devia ser belo, o vosso país! rematava encantada aos que lhe respondiam.

—Então o vinho corre pelas fragas, loiro pálido como o âmbar ou roxo como violetas velhas?

—Sim! *Ah oui!* É um país dionisiaco, respondia o oficial rindo.

—E as mulheres? perguntava a francesa.

O oficial que conversava disse-lhe a verdade.

A francesa tem um olhar de espanto e surpresa, e corta o discurso do seu interlocutor para lhe dizer da sua admiração.

A conversa rodou depois inútil, entrecortada de silêncios grandes.

De vez em quando ouvia-se como um desafo em tom mais forte um *c'est la guerre!* com que se acabavam todas as considerações em França, desde as calças que se romperam até ao *poilu* que morreu.

※

* *

Entre os aboletados contava-se um alferes sombrio, de cabeleira enorme, que não falava, que punha com geito a mão direita ferida na abertura do capote onde faltava um botão.

Curvava-se de vez em quando a accnchegar a lenha para a chama ser maior e acendido o cigarro ficava impassível a olhar a neve caindo.

À *mademoiselle* merecia uma curiosidade enorme. Fixava-lhe o olhar e apertava-o com perguntas a que o alferes respondia sempre vagamente, monossilábico—soberano.

— Quem é êste alferes, perguntou a *mademoiselle* ao comandante, êste alferes de olhos lindos e tão tristes?

O comandante riu largamente, e disse num francês danado—que era valente e muito rico lá em Portugal.

A francesa que tratava a mão ao nosso oficial ficou surpresa ao vêr o anel fidalgo no dedo fino.

— Uma conquista, seu melro! diziam os camaradas em português de cada vez que a francesa se aproximava do seu preferido, a fazerem-se namorados, sob o olhar da chama e à mancha de alvura da touca normanda de *madame*

E o alferes era indeciso, aconchegando a mão ferida nas dobras do capote.

A neve continuava a cair, a lenha a arder, a *mademoiselle* a fixar o olhar no alferes misterioso, distraído.

Ao terceiro dia receberam « ordem de marcha ».

E partiram...

— Aquela francesa dos caracóis — ó alferes! diziam-lhe os mesmos camaradas passado semanas, dentro do abrigo. E o alferes, contou, para ajudar a passar a noite:

— Vocês viram, rapazes, o carinho com que tratou a minha pobre mão.

Quando vocês saíam falava-me baixo, pre-

guntava-me porque era assim triste e calado, dizia-me ternuras, enfim uma soma de coisas vagas, ociosas, feminis.

la-me buscar cidra e obrigava-me a comer uma *tartine* na sua companhia.

A minha surpresa foi quando me despedi.

—Então? abriram os olhos os cincoenta anos do nosso comandante.

—Então, meu comandante, abraçou-me e beijou-me, tinha coração.

—Ora cale-se lá, interrompeu o comandante, a francesa mais bonita que o alferes conquistou foi a baroneza, essa sim, estalou o major revirando os olhos. — Essa sim!

Os outros oficiais pediram ao alferes que contasse a sua história.

E êste continuou.

—Já estava debaixo de forma quando a minha ordenança me disse que uma *mademoiselle* me queria falar. Não acreditei, pois se há um quarto de hora me tinha despedido dela! E inquiri da ordenança, não fôsse o recado para outro... para si, por exemplo, comandante.

E o rapaz contou que a *mademoiselle* o chamára detrás duma sebe.

—*Ordenance officier?*

O rapaz fôra e ela dissera-lhe:

—*Moi parler officier de vous.* Depois disto, não tinha dúvida — era ela que me chamava.

— Ah! meu comandante, disse-me tanta loucura!

Quando vinha embora, porque a companhia começava a marchar, num desespero rompeu a sebe espinhosa com as duas mãos que se ensanguentaram, para lhas beijar... «*Embrasse mes mains! Embrasse mes mains!*»

As mãos todas feridas dos espinhos da sebe, só para mas dar!

Disse-lhe que lhe escreveria, era um modo de ser grato — não é verdade?

Esqueceu-me... e, como sabe, a nossa unidade manda quási todos os dias essas cartas que aí andam.

— E agora? retomou o comandante a escangalhar a história.

— Agora? ... Agora nada, vou rondar os postos.

ANDORINHAS MORTAS

FINS de Maio. A Companhia está no *apoio*. Entre *Hazebruch* e *Aire*—num detalhe da Floresta de *Nieppe*.

As granadas que roncaram entre o arvoredor velho cheio de renovos, fazem cair ramos, deslenhar troncos seculares, destruir copas inteiras.—Depois das explosões ouvem-se ranger as madeiras lúgubremente, como num incêndio. A gente tem pena. Algumas vezes vê-se uma farda entalada por dois troncos que rolaram.

Mas esta tarde—é deliciosa. Tranqüila como seriam decerto as do tempo de paz. Faz uma luz branda e clara, o céu é de pérola, e o sol tem doçuras de tom de luz de azeite.

Esquece-se o *pesadumbre* da guerra. E a gente olha para as árvores e para os soldados que morreram há duas horas, numa cortina de metralha, quando a floresta era mar bravo de

rouquidos, um monstro ferido, como se fôsem coisas acontecidas—o ano passado! Como a gente sabe que morre—vive tudo o que vem. E tranqüilamente, como num parque, camaradas meus caçam como os reis o faisão, de côres de vitral. Como é bom viver!

No ar dôce e mórno passam andorinhas. Pequenas, escuras, a gravata branca mais clara, veem triângulos delas, como é seu modo voarem, e alguns alargam-se, espalham-se, em cordas, em sanefas, em atiradores. Temos um camarada poeta, doentinho e que enchamos de mimos, que estende as mãos a dar palmas às andorinhas num alvoroço e que depois as segue num olhar longo, como se lhe fôsse escrevendo nas asas céleres.

Como o tempo ajuda, os aviadores procuram aproveitá-lo para os seus reconhecimentos. Não damos atenção às grandes aves que rolam as asas brancas e o peito rumorejante em curvas de toda a sorte.

Há-os que descem em hélice vagarosamente, que descem em escada aos lanços embriagados, outros em linhas.

Há-os que sobem às arcadas, em esforços supêrmos, a levarem todo o velho sonho de ascensão e conquista, que se pulverizou na bíblica torre de Babel.

Muitos vão religiosos a prumo, como as agulhas das catedrais. Outros vindo dão voltas dôces como as dum peixe num aquário.

Gosto de os vêr ascender, numa arrancada, cortando o sol, numa temeridade de nautas. O homem vai pôr os pés até onde dantes relanceava os olhos. Construem, em ogivas infinitas, catedrais que se vão apagando.

Levam nos seus vôos ambições das raças seculares, a ânsia religiosa dos corações e a luta dolorosa contra o fim da vida e a crença de todas as religiões.

Evolucionam mais de trinta. Fazem curvas e contra-curvas entre os adversários.

Quando os alemães passam a *Terra de Ninguêm*, ou os nossos, as metralhadoras cantam ininterruptamente. E as andorinhas tecem, indiferentes, escuras, o coração mais branco, a renda do seu voar.

Reparamos num aeroplano aliado que vem devagar a direito—tranquilo. O sol dá-lhe reflexos nas asas. Para passar as linhas inimigas, sobe de repente, violento a prumo, como se fôsse jogado por uma funda—faz uma reversão e desce como um abutre, inclinado ao objectivo.

Temos os olhos no ar—as andorinhas voam. As metralhadoras alemãs rompem surpresas o chumbo dos seus fogos—e o aviador plana sobre a rectaguarda alemã, ricanando as reservas com a sua chuva de balas.

Perdem o sangue frio os nossos vizinhos—vê-se que se agarram a todas as defesas, e as metralhadoras todas do sector fazem o ruido

dum rio nas fragas;... no céu pérola, ao sol brando de luz de azeite, entrecruzam-se no mesmo segundo milhares de projecteis.

Os oficiais entreolham-se sorrindo da *gafe* dos vizinhos, para seguirem o aparelho invulnerável que ricana adoravelmente o *boche* com a sua pontaria.

As metralhadoras de Fritz fungam, fungam... e dum lenço de três pontas de andorinhas escuras como desgostos, o coração branco, tombam algumas mortas como soldados!

O oficial poeta, que as olha longamente como se lhe fôsse escrevendo nas asas, empalidece — e vêmo-lo, trincheira fóra, aos encontrões dirijir-se ao telefone.

Que vai fazer? Ouvimo-lo gritar pálido, ao bocal:

— *Allô! Allô!* Retaliação, 300 granadas sôbre c. 25, d. 32! *Compri?* Ataque.

O nosso comandante pedia retaliação, bombardeava a *Komandatur* — que lhe matou as andorinhas escuras, de coração branco — a voarem no céu pérola e sol brando de luz de azeite sôbre as árvores da Floresta de *Nieppe*!

BALADA DA NEVE

A NEVE desce a faser horas brancas numa tarde de Janeiro. E esta alvura estende-se Flandres fóra — lençóis de linho para a saudade dormir.

A neve é tão branca, que acorda inocências e faz até melhores os homens. Punha alvuras na *Terra de Ninguém*. Deixá-la dar demãos de cal nos boqueirões dos morteiros e amortalhar de branco os que ninguém foi buscar.

Levantando-se a gente sôbre o parapeito, vêmos o alemão, como nós, a olhar a neve.

E a neve espalha-se como carícia a nós todos.

Até as rêdes d'arame farpado, onde fica a carne de sapadores e patrulheiros — a neve a cair — são renques d'espigueiros floridos na *Terra de Ninguém*, como os das beiras dos caminhos!

Há sossêgo ao longo da *linha*.

Um soldado do sul faz um sinal alargando os braços para o *boche*, como quem diz:—que neve!

E o prussiano estende a dextra como se respondesse — é verdade!

E a neve cai nas banquetas, nos taburnos, nas escarpas, nas ruínas, nas árvores estroncadas, nos capacetes...

E esconde aos olhos os vestígios da metralha que passou, apaga as recordações tristes que há em todos os lugares do sector.

E a neve sacóde-se — milhões de aves — beija-flôres — de penas brancas a voarem!

Neva, neva na planície imensa — até onde os nossos olhos chegam.

Só há uma côr para os olhos de nós todos — o branco, a alvura.

É tudo branco como se não houvesse mais côr nenhuma.

E *Neuve-Chapelle* destruída — são mármorees partidos, em montões, de cidade antiga.

E sôbre as ruínas a neve cai — a fazê-las lindas.

Vejo os olhares dos soldados adoçarem-se bondosos; — de côres rubras de fôgo, de ferro a arder e de feridas a sangrar, teem êles os olhos maguados!

E a neve, como uma enfermeira, deixa-nos pensos brancos de gazes finas.

Bem dita neve! Aqui ninguém vem vê-
—só a neve e as folhas brancas de papel de
carta.

E a neve enfarinha como as moleirinhas
quando vão a passar.

E a neve caindo tem um ruído, tem um can-
tarolar de rendas. Os soldados ao longo da *ma-
gistrat* não falam—para ouvirem a neve branca
a cair.

E a neve vai, pouco a pouco, fazer-nos me-
ditar.

Saudades!

Saudades brancas para a gente mandar logo
quando escrever!

Olhamos—e na planura imensa, branca de
neve, vê-se melhor a côr das tranças e dos ju-
ramentos!

Serás sempre assim branca até morrer. Fazer
dos vestidos das noivas, toalhas de altar.

E se morrer—a tua mágua será imensa como
estas landes, que vão de todos os lados até ao
mar!

E a neve cai sempre, cai a neve...

Lá em Portugal a saudade fazêmo-la roxa,
tristeza doce, violetas, não te vêr.

E assim, a neve a cair, longas horas brancas,
tarde de Janeiro—faz pensar aos guerreiros que
a saudade em terras da Flandres—é branca,
branca de matar, branca de longa, branca da
neve a cair.

E a sua flôr é a *perce-neige*!

Que deviam dar às mulheres brancas da Flandres—os namorados—quando a neve fica Janeiro todo?

É por isso que esta flôr nasce só quando há nevadas. Humilde como a violeta, o caule branco, as pétalas pequenas brancas também.

E abre-se à neve que vai caindo, como as rosas ao nosso sol de Maio.

La perce-neige! Flôr de mistério e de alvura—para simbolizar as saudades da Flandres.

*

* *

Lá baixo, a dois quilómetros da 1.^a linha—olhando nevar, destaca-se a cruz alta de seis metros, de madeira lisa, de *Neuve-Chapelle*. E os seus braços brancos parecem mais dolorosos que à luz rubra dos canhões.

Quando a metralhalha ruge, lembra que protege—assim a nevar lembra penas idas.

E a neve cai nos braços da cruz em oração branca lá do céu.

E a neve sôa, ao ouvido do soldado, caindo alva, a melodia lendária que o fez adormecer. E a neve é uma canção branca—espuma de recordações!

E o meu camarada, a quem a noiva deixou, passa como eu as horas brancas da tarde de janeiro—ouvindo a balada da neve.

Estamos debruçados sôbre o para-costas e a cruz volta a levantar-se, os braços abertos para abraçar a todos—até à neve que cai em balada.

Êste oficial é triste e indiferente a tudo. No-to-lhe alguma alegria apenas quando de pé sôbre o parapeito acende um cigarro—queimar a Alemanha, como êle diz.

Aponta-me a cruz nevada, e olha longamente.

Estamos em *Neuve-Chapelle*, a garganta da morte, como lhe chamam os canadianos.

O meu camarada convida-me a ir em romagem lá baixo ao Cristo.

E lá vamos, passos abafados, peles abotoadas, trincheira adiante, à neve que solta suspiros de alvuras, ondulante, trincheira fóra...

Faz um ramo de arbustos e, mudo, ouvindo a balada branca, ajoelha no supedâneo da cruz ao Cristo de braços nevados, de flancos de jaspe.

E deixa o ramo de arbustos que a neve vai enflorecer... e a neve cai, ritual branco, dum *memento homo* estranho.

A tarde acaba e a neve continua a sua balada de açucenas esfolhando-se, cai em farrapos, algodão solto dalgum tear.

A tarde acaba pra além, prá's bandas do mar e a neve, flutuante sempre, faz sorrir os que sofrem neste mundo. Cai em rama, a neve, como se alguém a fôsse desfiando.

E nós voltamos ao nosso lugar, trincheira fóra, ouvindo a balada da canção branca.

Que esplêndido outôno de alvuras a perder-se em fôlhas de nácar! E a Flandres faz-se branca, da brancura maior.

Principia o combate—que maldade!

E as granadas quando rebentam farandulam a neve, jogam-na ao alto numa tulipa de fôgo.

E a neve é rubra como se fôsse pólvora a queimar-se, a voar em mil centelhas de lume.

Reparamos com tristeza que as granadas deixam na brancura infinita da neve da Flandres nódoas enormes, pègada de monstro.

Um soldado cai e os seus camaradas chegam-lhe neve a fazer de travesseira, para estar melhor, para dormir o sôno grande, decerto.

A neve continua descendo, rosas brancas duma tarde de janeiro.

Os gemidos do ferido abafam-se na neve caindo branca. E a neve não desce numa balada—é um dobre, um dobre branco em carrilhões de prata.

Há mais que tombam—e o pobre combatente ao morrer, vê na neve a cair, sôbre os olhos que se fecham, rendas de lenços a dizer adeus.

O sangue que corre das feridas dos heróis
sôbre a neve é tão escarlata como nunca vi. Púr-
pura e arminho.

E o dobre branco continua em carrilhões de
prata.

E à luz da tarde que acaba prás bandas do
mar, as árvores esgalhadas na luta, os troncos
levantados sós na Flandres nevada—parecem
enormes ciriais ao lado dos que não voltarão
mais a vêr o sol.

Ah! não gosto de combater em dia de neve.

COISAS DE RIR

AS reservas viviam na *linha das aldeias*—*Village Line*, lugar que era muitas vezes bombardeado, mas onde se estava já com relativa comodidade. Vá de graça, que em dias de preparação de *raids* ou ataques, as reservas contavam muitas baixas. Ora, quando as tropas vinham das linhas, fatigadas, enlameadas, empiolhadas—a *reserva* era uma delícia. Havia oficial que dormia catorze e dezesseis horas! Pois se quatro dias não se deitára!

Um oficial meu amigo dorme as suas horas tranqüilamente. Levanta-se um bombardeamento—as granadas cáem a duzentos metros. A ordenança dêste oficial tem ordens severas de não o acordar para nada. O nosso homem quer dormir! O bombardeamento aperta, as granadas tombam a cem metros, e a ordenança aflita não sabe se há-de chamar o oficial que dorme tran-

quilo, ou não. As ordens foram terminantes — não o acordar para nada — mas o bombardeamento ainda é mais terminante, porque continua intenso, as granadas a estalarem a cincoenta metros. A ordenança chama então o oficial.

— Meu capitão, o *boche* bombardeia, meu capitão, meu capitão!

O capitão acorda, e irritado interpela a ordenança:

— Para que me chamaste? Não te disse que não me acordasses para nada?

— Mas . . . estão a cair aqui as granadas.

— Onde?

— Aqui.

O oficial repara onde as granadas cáem — e verificando que é ainda a cincoenta metros, enfurece-se com a ordenança, a quem grita:

— Acordas-me por isto! As granadas em cascos de rólhas, e tu vens chamar-me. — Girou! Só me chamas quando as granadas caírem em cima das telhas, ouviste?

Contava mais tarde o capitão que nunca mais a ordenança o chamára, esperava ao lado dele que as explosões lhe acabassem com o sono e que muitas vezes ao vê-lo acordar zangado ao estrondo dalguma explosão, a ordenança lhe dizia:

— Ralhe ao *boche*, por o acordar, meu capitão, ande . . .

*

*

*

De Portugal mandaram o que nós chamávamos pelicos. Era uma çamarra talhada em forma de casaca sem mangas, e safões alentejanos, tudo feito em pele de carneiro e para proteger do frio. Era uma indumentária realmente um pouco ridícula. Os safões, êsses são commodos, mas a çamarra só serve para rir. Mas como na Flandres nunca tinham visto daquilo, e as francesas diziam graças, os soldados não gostavam de trazer os pelicos.

Os pelicos chegaram, distribuíram-se e lá foi um batalhão para as linhas vestido de carneiros. Não digo qual foi, porque ainda hoje me não perdoariam a indiscreção.

Amigo alemão viu, apreciou, analisou — e quando começou a anoitecer, largaram a gritar da 1.^a linha deles:

— *Mé! Mé!*

Depois imitando balidos e prolongando a onomatopeia:

— *Mé-é-é-é!*

Os nossos começaram a zangar-se — e vá de responder injúrias medonhas ao alemão!

Ria-se o *boche* à larga — e os portugueses zangados a mais não poder.

Foi um pagode toda a noite, que de madrugada desandou em grande fusilaria—e a brincadeira em tão má hora foi—o português não admite gracejos—que neste batalhão nunca mais se fizeram prisioneiros—era tudo passado a fio de lâmina, e o *boche* pagava ao batalhão *Mé* na mesma moeda.

*

* *

Num pelotão que guarnecia a 1.^a linha de *Neuve-Chapelle* havia um soldado traquina que meia-volta desaparecia. Metia pelas comunicações, ia para a *Terra de Ninguê*m, desandava para a 2.^a linha, trincheiras antigas, etc. Como era um bom soldado, o seu alferes tudo perdoava, e como sabia o nome dele, quando o não via—gritava pelo sector adiante:

—Paulo! Paulo!

Até que lá aparecia o soldadinho.

Ora numa noite o oficial chamou, mais que o costume:

—Paulo! Paulo!

E ao amanhecer, o oficial em questão, levanta a cabeça sôbre o parapeito a inspeccionar a linha alemã.

Do outro lado vê o camarada alemão que faz

decerto a mesma coisa e que lhe diz acenando com a mão:

—*Bonjour Paulô! Bonjour Paulô!*

*

*

*

Um dia tinha sido preciso reconstruir a 1.^a linha de *Neuve-Chapelle*. Iamos em fins de Dezembro de 917.

Trabalhavam lá várias companhias de sapadores e não me recordo que unidade guarnecia a *linha*. Fazia um frio enorme—e o sector estava calmo. Uma madrugada das de maior calmaria, um alemão assoma ao parapeito e pergunta a um dos nossos que assomára também:

—*Camarade! Non bombarde?*

Os nossos, que ouvindo o alemão assomam mais ao parapeito, respondem:

—*Non! Non bombarde! Non!*

E o *boche* salta, o cigarro na bôca e nas mãos um jornal. E entre êle e os nossos soldados, fazem-se acenos, dizem-se frases que só êles comprehendem entre si:

O que se segue é que o alemão marcha direito na *Terra de Ninguêm*, e um dos nossos também. Páram à distância de dois ou quatro metros um do outro, vejo o alemão atirar o jor-

nal ao português, e cada um retirar. Deram-me o jornal. Era a *Gazette des Ardennes* da véspera. Bom serviço de correio! tinham na 1.^a linha às seis da manhã o jornal editado na véspera!

O *boche* não faz nada para rir; compreendi porque viera trazer o jornal—êste contava o desastre enorme—o maior da guerra—que tinha havido na frente italiana! Portugueses e *boches* ainda trocaram mais ditos mas acabou-se tudo por uma questão banal: qualidade de cigarros!

Diziam os nossos: *Cigarette boche nôt bonne!*

E êles respondiam que *très bonne, portuguisich nôt bonne*. E umas rajadas de metralhoras puseram termo à questão.

*

*

*

Uma tarde, começou a arrasar-se *Laventie* como sob um terramoto. As fôrças sofriam muitas baixas e veio ordem de retirar sôbre *La Gorgue*. Entre as fôrças que retiravam contava-se uma Companhia de sapadores mineiros. Ia bem. As granadas fungavam sempre. No caminho, uma aldeia desmorona-se, já evacuada. O comandante da companhia à entrada desta aldeia de escombros, que continua a ser batida, manda *alto* à Companhia.

Inspecciona a vêr se tudo vai a rigor. Um dos seus subalternos lembra-lhe que o *boche* bombardeia e que a aldeia é um montão de escombros.

O comandante responde:

— Não sabe que o Regulamento manda, que ao atravessar povoações, as fôrças marchem *em sentido* e com toda a compostura militar?

— *Ordinario, marche!* comandou, e depois para os clarins:

— A marcha da *Aida!*

E a Companhia atravessou a aldeia de escombros, sem ninguém, sob o bombardeamento...

AOS MEUS SOLDADOS

VÓS não lereis decerto o que vou escrever-vos. Não sabeis lêr, e mesmo estas folhas ficam nas cidades detrás dos vidros das montras e não chegarão onde chegam as águias —ao vosso Marão e meu também.

Meu também, porque a sombra do Marão Padre-Mestre cai às tardes sôbre a orla da minha província, numa bênção silenciosa vinda da altura. Os sinos da minha terra ouvem-se na vossa e no verão o Douro é delgado como um fio.

De resto não precisais lêr, porque dois anos de camaradagem à beira da morte, ombro a ombro, alma com alma, saudade com saudade, fizeram-me vosso irmão e acabaram com os nossos segredos. E lendo-me, sei lá mesmo se me diminuiria aos vossos próprios olhos,

tão grande é o que vos queria dizer e tão pobre a minha feição de me fazer entender.

Para me queredes mais também o não conseguiria — porque mais que a vida não sei se há para dar e vós tinheis-me dado a vossa.

O senhor não é senão o que tem o direito supremo — mandar morrer.

Para me queredes mais — não. Porque garatujando, nunca igualaria a conquista que fiz vivendo a mesma vida que vós, pisando a mesma lama, batendo o mesmo inimigo e vendo-vos dar, como só fazem os santos e os apóstolos, a vida a todos os momentos.

Havia de me querer mais quem me prestigiava a ponto de me acreditar invulnerável? Onde eu estava — não caíam granadas, nem passavam balas!

Havia de me querer mais quem, como vós, no vosso lar, nas noites de inverno à lareira, contando a guerra, falareis sempre de mim?

Que interesse era êsse de me queredes todos o retrato?

Eu sei que o há em muitas cabanas lá nas faldas da Serra e que quando os vossos filhos pequeninos perguntarem quem é, vós respondeis uma história longa que seria o meu orgulho se a ouvisse.

Não, não me podeis querer mais. E foi só em vós que eu encontrei o remédio para os vexames da partida, para a traição enquanto com-

batemos e para o desdêm quando chegámos. Quero mais ao vosso coração, que às paradas flamantes de generais e ministros, de hinos e foguetes. E os meus camaradas pensam como eu.

Como vos recordo, meus valentes!

Neuve-Chapelle!

Vieille-Chapelle!

Fleurbaix!

Chapigny!

Ferme du Bois!

Como vos recordo, meus valentes!

Tu José, meu querido amigo, que foste minha ordenança, que me seguias como uma sombra, que me não deixavas nunca, que quando os alemães bombardeavam e eu dormia esperavas que as granadas caissem perto para só então me chamares, que vieste do hospital ainda a arrastar uma perna do teu primeiro ferimento de combate, só para vires viver com o teu oficial, e que choraste quando me viste caminhar até ao hospital, doente e curvado, o peito sumido do gás do combate de 9! Tu que tinhas sempre um gracejo quando um estilhaço soprava aos ouvidos, ou quando as trincheiras metiam água até à altura do joelho! Lembras-te quando nas noites calmas para passar o tempo eu te dizia: «Ô Zé canta lá quadras da tua terra!» E tu nunca mais paravas a dizer as quadras lindas das faldas do Marão. Sempre trouxeste ao

peito o teu filho — um dia inteiro, como tu, confessavas que farias, quando voltasses?

Tu, Menaita — sempre valente, Deus te guarde! Tu que dizias rindo quando as granadas passavam altas: «ordenanças, prá secretarial!» E que como um spartano só deixaste o parapeito para morreres!

Tu, Escaleira, dedicação e ternura, sempre o primeiro a levantar algum ferido, entre o fôgo que continuava!

Tu, Manuel Grande, que olhavas os aeroplanos misteriosamente e depois perguntavas se «naquilo» se iria a Portugal; e que um dia na 1.^a linha, depois de te vêres lá tanto tempo, disseste: «esta guerra não é para homes de corage — devíamos chegar-nos adiente»!

Tu, Carinha, que eras a arte do pelotão; que desenhavas corações com lapis de côres nas cartas dos teus camaradas, que escrevias lindos versos de pé quebrado a falares de saudades!

Tu, Lisboa — que não tendo máscara anti-gás, no ataque de 9 — como eu te mandasse retirar para te não vêr morrer inutilmente — me respondeste:

— Não vou, não deixo o meu tenente nem os meus camaradas.

Tu, Álvaro Grande, que me querias mais que a um irmão. E tu, Zé do Cavalinho, tu Coutinho, tu major, Crespim, Cem velho, e todos!

Em todas estas ocasiões, como nas lendas, pondo o ouvido sôbre o vosso peito—ouvi o clamor das qualidades da raça.

Conhecendo-vos de alma nua como as vossas baionetas—foi que eu compreendi os lances iminentes que numa *patine* legendária a nossa história conta.

Sois bem—o lusitano! Sois bem o que combateu em Ormuz e nos Atoleiros, que partiu nas caravelas, que morreu em Alcácer-Quibir.

Na dedicação cega, na coragem divina, na crença profunda, na saudade eterna, no orgulho impetuoso, na bondade extrema, vós sois, ao meu olhar deslumbrado—a ressurreição dos grandes antigos.

Onde se aprende mais é nos braços das mães e depois na guerra—e eu aí aprendi a amar a minha raça.

Meus rapazes, escrevo-vos apenas para deixar aos nossos mortos—a nossa lembrança. Aos nossos mortos, que ficaram nas campinas dolorosas da Flandres nevoenta.

Caíram aureolados pela glória, levando na alma a alegria dos sacrifícios sacrossantos, no coração um sentimento de grandeza que ninguém igualará. Nas suas campas de acaso, à beira das aldeias, nos ermos, sôb as árvores, na profundidade da água lodosa e verde do *Lys*—êles terão sempre como uma prece a nossa lem-

brança, como carinho o nosso triunfo, como saudade a nossa admiração.

Não chegará lá nunca o esquecimento — já é tão frio lá, nessa Flandres longínqua onde eles descansam!

Todos poderão esquecê-los menos nós — meus companheiros.

Nós temos de nos curvar ao respeito que infundem os que ficaram nessa cruzada do nosso século.

Que descancem — os heróis mortos.

FIM

ÍNDICE

	Pag.
Adeus	9
Uma lição	15
A sombra do pelotão	21
A carta	29
Frases de Legenda	45
A morte do sapador	51
Uma patrulha	59
Batalha de <i>La Lys</i>	69
O metralhador.	91
S. O. S.	99
Ambulância	107
História de amor	113
Andorinhas mortas	121
Balada da neve	125
Coisas de rir	133
Aos meus soldados	141

ACABOU DE SE IMPRIMIR
NA TIPOGRAFIA DA «RENASÇENÇA PORTUGUESA»
RUA DOS MÁRTIRES DA LIBERDADE, 178,
AOS 17 DE OUTUBRO DE 1919.
PORTO

Edição fac-similada • Grémio Literário Vila-Realense • Janeiro de 2010
Câmara Municipal de Vila Real • Colecção *Tellus*, n.º 20 • Tiragem: 300 exemplares
Depósito Legal: 304740/10 • ISBN: 978-972-9462-74-0
Composto e impresso: Minerva Transmontana, Tip., Lda. — Vila Real

ULTIMAS OBRAS
DA
RENASCENÇA PORTUGUESA

A Língua Portuguesa—Jaime Vasconcelos	\$30
As Cinzas de Camilo—Visconde de Vila-Moura	\$50
Lusitania—Mario Beirão	\$60
O Enforcado—Costa Macedo	\$70
Bocage—Olavo Bilac	\$40
Terra Proibida (2.ª edição) —Teixeira de Pascoaes . .	\$60
English Prose—chosen by Ferreira Guedes (para a 6.ª e 7.ª classes dos liceus) cartonado	\$90
Como ensinei às minhas filhas o que é a Maternidade — J. Allis, cartonado	\$60
Lavores Femininos — Amelia Teixeira de Sousa, cart.	1\$00
Espelho Encantado—Gomes dos Santos.	\$70
Humus—Raul Brandão	1\$00
Pão que o Diabo amassou—Oldemiro Cesar	\$60
Nas Trincheiras da Flandres (4.ª edição) — A. Casimiro	\$80
Vida Americana (3.ª edição) — Alberto Amado . . .	\$80
Os Ultimos—Visconde de Vila-Moura (esgotado).	
Entre Giestas—Carlos Selvagem	\$70
Tratado da Pintura Antiga—de Francisco de Hollanda, comentado e anotado por Joaquim de Vasconcelos . .	1\$20
Nova Teoria do Sacrificio—José Teixeira Rego	\$80
O Flagelo dos Mares—Bazilio Teles	1\$00
Egas Moniz—Jaime Cortesão (2.ª edição)	\$80
Fédon, de Platão—Tradução de Angelo Ribeiro . . .	\$60
Memórias, 1.º vol. (2.ª edição) —Raul Brandão. . . .	1\$20
Da Flandres ao Hanover e Mecklenburg — Alexandre Malheiro.	1\$20
Ao Parapeito — Tenente Pina de Moraes (2.ª edição) .	\$70
O Amor na Base do C. F. P.—Alexandre Malheiro . . .	\$60
Memórias da Grande Guerra—Jaime Cortesão	1\$50
A Ferro e Fogo—Eduardo Pimenta	\$60
Pensamentos de Camões — Coordenados por J. Viana da Mota	\$60
Ultimas Rimas — João Penha	1\$00
Tropa d'África—Carlos Selvagem.	1\$20